

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

ANA CAROLINE MOREIRA DE OLIVEIRA

PODLIBRAS: UM PODCAST VOLTADO
PARA A COMUNIDADE SURDA

BAURU
2021

ANA CAROLINE MOREIRA DE OLIVEIRA

PODLIBRAS: UM PODCAST VOLTADO
PARA A COMUNIDADE SURDA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo - Centro Universitário Sagrado
Coração.

Orientadora: Prof.^a Ma. Daniela Pereira
Bochembuzo.

BAURU

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBD

O48p

Oliveira, Ana Caroline Moreira de

PodLibras: Um podcast voltado para a comunidade surda / Ana
Caroline Moreira de Oliveira. -- 2021.
63f. : il.

Orientador: Prof.^a Dra. Daniela Pereira Bochembuzo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) -
Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Direitos Humanos. 2. Libras. 3. Jornalismo. 4. Rádio. 5.
Surdos. I. Bochembuzo, Daniela Pereira. II. Título.

ANA CAROLINE MOREIRA DE OLIVEIRA

PODLIBRAS: UM PODCAST VOLTADO PARA A COMUNIDADE
SURDA

Trabalho de Conclusão de Curso.
Orientadora: Prof.^a Ma. Daniela Pereira
Bochembuzo. Centro Universitário Sagrado
Coração

Aprovado em: ___/___/___.

Banca examinadora:

Prof. M.^a Daniela Pereira Bochembuzo (Orientadora)
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof.^a D.^a Leire Mara Bevilaqua
Centro Universitário Sagrado Coração

Prof.^a D.^a Juliana Vechetti Mantovani Cavalante
Centro Universitário Sagrado Coração

Dedico esse Trabalho de Conclusão de Curso para aquele homem, de cabelos cacheados e o sorriso mais lindo que eu já vi. Que apareceu para me mostrar que eu não estava sozinha e nunca estive, aquele que me abraçou na noite mais difícil da minha vida, no momento que achei que morreria. Ele me trouxe a vida. Esse homem lutou comigo naquela sala de UTI, onde os barulhos das máquinas me faziam chorar e o único desejo era respirar. Ele me fez ouvir as batidas do seu coração, naquela noite me resgatou. Essa pesquisa é um sonho, e eu sei que nasceu primeiro no coração Dele, seu nome é Jesus, meu melhor amigo, abrigo e proteção.

AGRADECIMENTOS

Sou grata aos meus pais, Aguinaldo e Jaqueline por todo apoio que me deram durante toda minha vida, e principalmente durante a graduação, tudo se torna mais simples quando sonhamos juntos. Por todo ensinamento sobre a vida e a honestidade, por toda repreensão e por todo colo que me foi dado nos momentos em que a vida me bateu, vocês são meus heróis.

A toda minha família, que desde a infância sempre me incentivaram a estudar e lutar pelos meus objetivos, em especial o meu avô Luís Antônio que sempre me mostrou que eu poderia ser quem eu quisesse.

A minha orientadora Daniela Bochembuzo, que aceitou caminhar ao meu lado durante essa pesquisa, contribuindo com todo seu conhecimento e me acolhendo sempre que precisei, você é minha referência profissional.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida e me permitiram chegar até esse momento, em especial, Oswaldo Moreira que me apresentou o Jornalismo e despertou em mim esse sonho, e Eliane Ramos que sempre apostou no meu potencial e me ajudou durante os vestibulares, jamais me esquecerei de todo carinho e dedicação de vocês. Meus agradecimentos se estendem a professora Leire Bevilaqua, que me auxiliou em vários momentos dessa pesquisa.

Aos meus amigos, por todo apoio e palavras de encorajamento nos dias difíceis, em especial Guilherme Mariano que além de um ombro para chorar e um ouvido para desabafar, contribuiu com todo seu conhecimento me auxiliando na produção e execução do produto.

As convidadas e aos intérpretes que participaram do primeiro episódio, por todo conhecimento compartilhado e pela paciência durante as gravações.

A todos os meus amigos do curso de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo.

Também quero agradecer ao Centro Universitário do Sagrado Coração e o seu corpo docente que demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino.

“... Mesmo quando não é bonita ou perfeita. Mesmo quando é mais real do que você gostaria que fosse. Sua história é o que você tem, o que sempre terá. É algo para se orgulhar.

(Michelle Obama).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda a inclusão da comunidade surda no rádio, tendo em vista que por muito tempo esse veículo de comunicação não foi capaz de alcançar essas pessoas, pois sua mensagem era condicionada à capacidade do receptor de ouvir. Trata-se da produção de um programa radiofônico de gênero interpretativo, que se utiliza de técnicas sonoras, visuais e Língua Brasileira de Sinais para o seu desenvolvimento. Levando em consideração o pensamento de Ferraretto (2000) que o rádio é uma criação cultural atrelada à especificidade de um fluxo sonoro, a pesquisa busca responder se um programa radiofônico com Libras seria um programa de rádio. Acredita-se que as novas tecnologias tornaram esse veículo um meio multiplataforma e multimídia, e com a boa utilização dessas ferramentas é possível incorporar os surdos ao público radiofônico. Dessa forma, tem como objetivo conhecer essas novas inteligências e refletir sobre o conceito de rádio a partir de uma linguagem não sonora. Para tanto, utiliza-se de levantamento bibliográfico e documental para desenvolver o embasamento teórico e de entrevistas não padronizadas para o desenvolvimento do produto. Por consequência, esse estudo é importante por sua relevância social e originalidade, demonstrando como as novas tecnologias implementadas pelo rádio pode contribuir para a inclusão de surdos.

Palavras-chave: Direitos Humanos. Libras. Jornalismo. Rádio. Surdos.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper addresses the inclusion of the deaf community in radio, considering that for a long time this communication vehicle was not able to reach these people, as its message was conditioned to the receiver's ability to hear.

It is the production of a radio program of an interpretive genre, which uses sound, visual and Brazilian Sign Language techniques for its development.

It is believed that new technologies have made radio a multiplatform and multimedia medium, and with the good use of these tools it is possible to incorporate the deaf into the radio audience

Therefore, it uses a bibliographic and documentary survey to develop the theoretical basis and non-standard interviews for the development of the product. Consequently, this study is important for its social relevance and originality, demonstrating how new technologies implemented by radio can contribute to the inclusion of deaf people.

Keywords: Human Rights. Brazilian Sign Language. Journalism. Radio. Deaf.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA	9
2.	METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1.	DEFICIENTES AUDITIVOS	18
2.2.	SURDOS.....	19
2.3.	LIBRAS	21
2.4.	O RÁDIO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL.....	24
2.5.	A HISTÓRIA DO RÁDIO E SUAS NOVAS TECNOLOGIAS.....	26
2.6.	RÁDIO PARA TODOS	32
2.7	PODCASTING	33
3.	PODLIBRAS	36
3.1	PRÉ PRODUÇÃO.....	37
3.2	PRODUÇÃO	40
3.3	PÓS-PRODUÇÃO	44
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS.....	50
	APÊNDICE A - PAUTA.....	55
	APÊNDICE B – ESPELHO	58
	APÊNDICE C – LOGOTIPO	62
	APÊNDICE D – MÍDIA	63

1. INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA

Este Trabalho de Conclusão de Curso trata sobre a produção de um programa radiofônico do gênero interpretativo para o público surdo. Os temas discutidos envolvem situações e temáticas voltadas para a comunidade surda.

No mundo, 466 milhões de pessoas sofrem de perda auditiva com marcas de invalidez, das quais 34 milhões são crianças. Até 2050, 900 milhões de pessoas desenvolverão surdez, segundo informações da Organização Mundial de Saúde divulgadas pela Organização das Nações Unidas. (ONU, 2020).

Atualmente, no Brasil, estima-se que 9,5 milhões de pessoas possuem deficiência auditiva, sendo 2,7 milhões com surdez profunda. Os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostram que 5% da população brasileira é composta por pessoas surdas. (IBGE, 2010).

De acordo com o decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Art. 2º:

Pode ser considerada uma pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz. (BRASIL, 2005, Art. 2).

Como esclarecido pela Constituição do Brasil, existem diferenças entre surdos e deficientes auditivos. Essa distinção vai além do olhar clínico, pois envolve o aspecto cultural a partir da ligação direta com a utilização da Língua Brasileira de Sinais, que foi reconhecida por lei em abril de 2002.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002, Lei 10.436).

A Língua Brasileira de Sinais possui estrutura e gramática própria. É uma língua visual e o primeiro idioma da comunidade surda no país. Dessa forma, é encontrado o principal aspecto cultural que diferencia os surdos, dos deficientes auditivos, sendo

o fator preponderante para a escolha do uso de um termo, ou de outro, a participação na comunidade surda. (TORRES, 2018).

Segundo Pfeifer (2013), no Brasil, grande parte da comunidade surda é oralizada, ou seja, utiliza aparelhos auditivos ou consegue fazer leitura labial. Essas capacidades e os avanços na área da comunicação ainda não são suficientes para que a pessoa surda não passe por situações de exclusão, como a dificuldade na hora de se comunicar.

A Organização das Nações Unidas (ONU) enfatiza que é fundamental o direito à comunicação e informação para o exercício de cidadania, direito esse garantido pela Declaração dos Direitos Humanos de 1948, no artigo 19.

Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

Esse direito, garantido pela Constituição do Brasil, é válido para todas as pessoas e abrange todos os meios de comunicação. Dessa forma, entende-se por comunicação

forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e das comunicações; (BRASIL, 2015, Lei 13.146)

Diante disso, é importante ressaltar que o direito à informação inclui os meios de comunicação e entre eles o rádio. Dessa forma entende-se a importância da inclusão nesses meios para a formação do ser pensante. A Constituição Brasileira, por meio da lei Nº13.146, de 6 de julho de 2015, assegura e a promove condições de igualdade, além dos exercícios dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando sempre a sua inclusão social e cidadania.

As barreiras para a comunicação e informação também são definidas pela Constituição Brasileira, no Art. 3º da lei Nº 146, de 6 de julho de 2015,

Barreiras nas comunicações e na informação: qualquer entrave, obstáculo,

atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação. (BRASIL, 2015)

O meio de comunicação radiofônico, no entanto, é conhecido por depender da capacidade de audição do ouvinte.

A ausência de contato visual leva a uma série de alternativas sonoras para a codificação da mensagem. Resulta daí que a base para a recepção seja o sentido da audição como, em nível menor - por não ser o único elemento presente-, a fala é a base da transmissão. (FERRARETTO, 2000, p. 26).

Apesar dessa dependência, novas tecnologias surgiram e foram incorporadas pelo rádio. Com o passar dos anos, o veículo passou a utilizar dessas novas ferramentas, como o uso de imagens, e migrou para as plataformas digitais, principalmente a internet, podendo ser considerado hoje como um meio multiplataforma. Essa migração possibilita integrar um novo público para um veículo antes restritivo, na perspectiva da capacidade auditiva.

É possível pensar em novas experiências de interatividade por parte dos usuários, que, ao longo das modificações sofridas pelo rádio, ganharam mais autonomia, mais proximidade com os produtores de conteúdo e novas possibilidades no consumo desses meios. Os avanços tecnológicos tornaram possível o surgimento de rádios em multiplataformas. Exemplo disso foi a criação de dispositivos móveis, como telefones celulares, tablets, notebook e netbooks, que permitiram, por exemplo, o surgimento de webrádios e, portanto, a experiência de se ouvir conteúdos radiofônicos em diferentes ambientes e situações. (LOPEZ, 2015, p. 190).

Isso indica que as produções radiofônicas não são mais limitadas somente para aparelhos convencionais de transmissão. Os ouvintes não estão somente entre AM e FM, muitas vezes o conteúdo é consumido por meios digitais. Como exposto por Luiz Artur Ferraretto e Marcelo Kischinhevsky (Enciclopédia Intercom de Comunicação, v. 1, 2010, p. 1.009-10), sobre o conceito do rádio:

De início, suportes não hertzianos como web rádios ou o podcasting não foram aceitos como radiofônicos [...]. No entanto, na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma da fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada. (KISCHINHEYSKY, *apud* FERRARETTO, 2014, p.15).

Essa grande adaptação do rádio, em se tornar um meio multiplataforma, trouxe,

além de avanços tecnológicos, a possibilidade de incluir a comunidade surda e os deficientes auditivos. Amparado por essa perspectiva, **questiona-se**: Levando em consideração que o rádio é uma criação cultural atrelada à especificidade de um fluxo sonoro, um programa radiofônico com Libras poderia ser considerado um conteúdo radiofônico?

Dessa questão-problema, derivam as **hipóteses**: Um programa radiofônico com Libras é um programa de rádio, pois trata-se de um meio multiplataforma; A boa utilização dos avanços tecnológicos é capaz de incluir a sociedade surda no rádio; O investimento em avanços tecnológicos para o uso de imagens pode auxiliar na inclusão de surdos no rádio.

A investigação da questão-problema e das hipóteses será norteadada pelo seguinte **objetivo** de pesquisa: Produzir um produto radiofônico de gênero interpretativo utilizando as novas tecnologias visuais e sonoras e a Língua Brasileira de Sinais, através de um intérprete, tendo como público de interesse deficientes auditivos e surdos.

Esse objetivo geral deverá ser atingido a partir dos seguintes **objetivos específicos**: Investigar as questões clínicas e sociais que envolvem a deficiência auditiva e a surdez; conhecer as novas tecnologias radiofônicas que podem ser usadas para incluir a sociedade surda no rádio; elaborar um produto radiofônico para a comunidade surda utilizando a Língua Brasileira de Sinais; e, por fim, refletir sobre o conceito de rádio a partir da incorporação de uma linguagem não sonora.

Perseguir tais objetivos **justifica-se** pela relevância e originalidade que o tema possui para a sociedade atual, uma vez que pode permitir a apresentação de elementos necessários para sua construção, como o conhecimento de novas tecnologias adquiridas pelo meio, além de demonstrar as dificuldades encontradas através das investigações sociais enfrentadas por esse grupo nos meios de comunicação. Tendo em vista que o rádio é um meio que depende da capacidade auditiva do receptor, como citado por Ferraretto (2000), o presente estudo trata da reflexão sobre o conceito do meio a partir da incorporação de uma linguagem não sonora.

Do ponto de vista da inclusão, as pessoas deficientes são discriminadas desde o começo da civilização, na maioria das vezes eram retiradas do convívio social por

serem diferentes. Campos, Rodrigues e Silva (2012, p.4) ressaltam que essa discriminação se estendia até a comunidade surda.

As trajetórias desses indivíduos não são documentadas e não existem registros quando surgiu o primeiro surdo. Mas, a partir dos primeiros registros, é possível afirmar que eles não eram tratados como os demais e sempre foram discriminados e excluídos.

Ignorantes e indiferentes. Nos últimos meses, mencionei o assunto a inúmeras pessoas e quase sempre obtive respostas como: "Surdez? Não conheço nenhuma pessoa surda. Nunca pensei muito sobre isso.". (SACKS, 2005, p. 10).

Apesar do passar dos anos e os grandes avanços tecnológicos, é comum perceber que essa comunidade continua às margens dos meios de comunicação. Pensando nisso, e tendo em vista que o rádio é reconhecidamente um meio de comunicação em massa e prestador de serviço, como definido por Ferraretto (2000), entende-se que a pesquisa contribui para compreender como as novas tecnologias podem auxiliar na inclusão desse grupo. Essas novas ferramentas, como o uso de imagens, facilitam esse processo.

Segundo Ferraretto (2010 apud NEUBERGER, 2012), o rádio multimidiático pode incorporar áudio, vídeo, imagens e texto, tanto nas redes sociais quanto nos sites das emissoras, e é um exemplo de formato que reforça a ideia de uma nova linguagem, de um "novo rádio".

A agregação de informações complementares, como textos, fotos, gráficos, vídeos também cria horizontes para o veículo no rumo da multimídia, um dia tido como moribundo. Assim, ganham todos: radiodifusões e ouvintes, que passam a ser chamados de 'usuários multimídia'. (NEUBERGER, 2012, p. 137, apud FERRARETTO, 2010).

Por tudo isso, o rádio tem potencial para auxiliar na inclusão dos surdos em mídias massivas. Esse potencial pode ser observado pelo aumento de rádios que migraram para plataformas digitais e têm utilizado de novas ferramentas para se aproximar do seu público, o que reforça a importância desse trabalho.

Atualmente não se pode mais pensar em uma audiência radiofônica contemplativa, mas considera-se a iniciativa, a atividade, a produção, a validação, a circulação como características marcantes deste novo ouvinte-internauta. Características essas que não surgiram do dia para a noite, mas

que se construíram em um longo processo de mudança de contexto e de tecnologias, de adaptação do papel que cumpre o meio e de para quem fala. O novo rádio tem uma nova audiência. E esta audiência fala, mostra e demanda atualização e visibilidade. (LOPEZ, 2015, p. 196).

Esses “ouvintes-internautas” aumentam as possibilidades de inclusão de novos públicos, entre eles os surdos. Diante disso, faz-se necessário a criação de um produto que atenda às necessidades desse grupo no rádio.

Trata-se, também, de unir o conteúdo teórico aprendido na graduação do curso de Jornalismo à pesquisa, a fim de traçar parâmetros de produção de conteúdo radiofônico voltado para a comunidade surda. Dessa forma, espera-se que o produto integrante deste estudo poderá aproximar o público surdo de um meio de comunicação massiva, o rádio.

Do ponto de vista teórico, o trabalho justifica-se por produzir peças radiofônicas interpretativas segundo estudos de comunicadores e utilizando das novas ferramentas incorporadas pelo rádio, a fim de construir textos e utilizar técnicas com a Língua Brasileira de Sinais para aproximar a comunidade surda do meio. É também a oportunidade de produzir um conteúdo relevante e impactante para esse grupo.

Um dos estímulos pessoais da autora deste projeto surgiu através da convivência com surdos. O tio desta pesquisadora é surdo, e o convívio com ele possibilitou sua aproximação com a comunidade surda, levando à reflexão sobre vários aspectos da comunicação em massa.

O estudo também foi motivado pela identificação com o meio radiofônico durante a graduação. Nesse período, a experiência em assistir a uma mesa-redonda com surdos, produzida por alunos de Jornalismo do Unisagrado pela Webrádio da instituição, e perceber o tio como receptor desse conteúdo foi marcante, servindo de estímulo para a produção de um produto sonoro que fosse capaz de alcançar essa nova audiência e confirmasse a importância da inclusão dessas comunidades nos meios de comunicação de massa. Este estudo, portanto, une a paixão pelo rádio à experiência pessoal com a comunidade surda e atende à necessidade social por uma comunicação inclusiva.

Tal caminhada, executada ao longo do segundo semestre de 2021, está exposta da seguinte maneira:

Capítulo 1: Contém a introdução e apresentação do objetivo e do produto midiático desenvolvido, problema de pesquisa, hipóteses, objetivos, justificativa e metodologia.

Capítulo 2: Contempla as etapas bibliográfica e documental, onde são abordadas questões clínicas e sociais que envolvem a deficiência auditiva e a surdez, apresentando dados históricos e atuais. Aborda os conceitos de rádio e suas características, abordando sua evolução no meio digital e suas novas tecnologias, e como essas ferramentas podem incluir a comunidade surda nesse meio de comunicação.

Capítulo 3: Destina-se à descrição do processo de produção do produto radiofônico de gênero interpretativo, desde a elaboração de pauta, apuração de informações, entrevistas tratamento de dados, edição e pós-edição.

Capítulo 4: Neste capítulo estão expostas as considerações finais, relatando o se os objetivos estabelecidos foram cumpridos e hipóteses levantadas no início da pesquisa, comprovadas.

2. METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada neste trabalho, o método utilizado é de Pesquisa Aplicada, que tem como finalidade a solução da limitação enfrentada pela comunidade surda para utilizar o meio rádio.

A Pesquisa Aplicada caracteriza-se por seu interesse prático, isto é, que os resultados sejam aplicados ou utilizados, imediatamente, na solução de problemas que ocorrem na realidade. (MARCONI, LAKATOS, 2017).

O desenvolvimento é feito de forma individual e de natureza social.

A partir dessa conceituação, pode-se, portanto, definir pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social. Realidade social é entendida aqui em sentido bastante amplo, envolvendo todos os aspectos relativos ao homem em seus múltiplos relacionamentos com outros homens e instituições sociais [...]. (GIL, 2008, pg.26).

No caso desta pesquisa, visa-se compreender melhor o grupo de surdos e suas necessidades quanto à informação, enfatizando a exploração e descoberta de ideias. A pesquisa aplica o nível exploratório para desenvolver um produto adaptado para consumo da comunidade surda, utilizando dos novos recursos do rádio, permitindo, assim, modificar conceitos a respeito do meio radiofônico. Para a escolha dos assuntos abordados e realização da lauda do programa, foi feita apuração, levantamento de dados e entrevistas, descritos no segundo capítulo, como citado por Gil (2008, pg.27).

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso.

Este trabalho de conclusão de curso em questão adota o levantamento bibliográfico. Para isso, a pesquisa é baseada em estudos de autores, como, por exemplo, Luiz Arthur Ferraretto, e consulta a Legislação Brasileira, entre outros pensadores e documentos pertinentes ao assunto. Além dos autores citados,

referências na área de estudo, esse percurso metodológico é o mais adequado para o desenvolvimento do produto.

Entretanto, vale ressaltar que a quantidade de autores e documentos foi aumentada na medida em que a leitura foi sendo desenvolvida.

A resolução do problema, apresentado nesta pesquisa, aconteceu com a pesquisa bibliográfica e documental, através da reflexão do novo conceito de rádio, com o desenvolvimento de um produto radiofônico, voltado aos interesses desse grupo. Para incluir a comunidade surda ao meio rádio é necessário utilizar de multiplataformas, como a internet, recentemente implementadas pelo rádio, incluindo o uso de imagens para produção e disseminação.

De acordo com Berry (2013, p.169-184), conforme citado por Esteban (2017, p. 45), o

Uso da imagem como reforço do som: embora em seu devido momento a rádio já tenha procurado exprimir seu potencial icônico com espetáculos voltados para o público e inclusive com a retransmissão de certos espaços através da televisão, o ambiente digital proporcionou ao meio sonoro uma janela ainda mais eficiente para projetar sua mensagem: as telas dos dispositivos móveis. Assumindo o impacto da imagem como ferramenta para ampliar sua marca, a rádio acrescenta agora ao relato oral um tratamento audiovisual – ainda em construção.

Sendo assim, o ambiente digital e as novas tecnologias implementadas tornam o rádio um meio multiplataforma. Essa facilidade contribui para a disseminação da mensagem e o catapultam como meio de comunicação mais acessível para a comunidade surda.

Estima-se, de acordo com a Organização das Nações Unidas (2020), que mais de 400 milhões de pessoas no mundo todo sofrem com perda de audição. Os dados revelam ainda que a quantidade deve mais que dobrar até o ano de 2050. O número crescente de pessoas deficientes auditivas e surdas é algo que deve ser considerado nos avanços tecnológicos na área da comunicação.

No Brasil, os dados divulgados pelo IBGE (2010) mostram que 5% da população brasileira seja surda, o que corresponde aproximadamente 9,5 milhões de pessoas com deficiência auditiva, sendo 2,7 milhões com surdez profunda.

Em solo brasileiro, o reconhecimento da pessoa surda pela lei aconteceu através do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Art. 2º. Sendo possível a partir de então diferenciar surdos de deficientes auditivos.

Segundo Meirelles (2019), conforme citado por Granda (2019),

A deficiência auditiva é uma deficiência que se agrava com o passar dos anos. E como o Brasil está passando por um processo de envelhecimento da população, hoje já temos 59 milhões de brasileiros com mais de 50 anos e, em 2050, vamos chegar com mais de 98 milhões de brasileiros com mais de 50 anos de idade, essa é uma tendência que só vai crescer e a sociedade, claramente, não está preparada para isso.

O fato de a sociedade não estar preparada para acolher esses indivíduos gera grandes problemas, entre eles pode ser citada a dificuldade que a comunidade surda encontra para se incluir na sociedade, apesar dos avanços dos últimos anos.

Seguindo essa linha de pensamento, para Meirelles (2019), conforme citado por Granda (2019),

Dois em cada três brasileiros relataram enfrentar dificuldades nas atividades do cotidiano. Com isso, eles se divertem menos, têm menos chance no mercado de trabalho, não têm as mesmas oportunidades educacionais que os ouvintes têm. A falta de acolhimento e inclusão limitam o acesso dos surdos às oportunidades básicas, como educação (somente 7% têm ensino superior completo; 15% frequentaram até o ensino médio, 46% até o fundamental e 32% não possuem grau de instrução).

Além das dificuldades na área social, educacional e de empregos, a comunidade também sente dificuldades para ter acesso à informação, o que prejudica na formação de opinião e do ser pensante. Segundo a Academia de Libras (REDONDO, 2000), uma das dificuldades é o pouco uso da Língua Brasileira de Sinais pelos meios de comunicação e na internet. Dessa forma, para a entidade, uma das ações inclusivas mais necessárias é que todos os meios de comunicação adotem a Libras na maioria da programação.

2.1. DEFICIENTES AUDITIVOS

A deficiência auditiva consiste na perda parcial ou total da capacidade de detectar sons, pode ser causada por má-formação, causa genética, lesão na orelha ou na composição do aparelho auditivo. (REDONDO, 2000).

No Brasil, os deficientes auditivos foram reconhecidos por lei em 2005, através do decreto número 5.626, já citado anteriormente.

Da mesma forma como na Legislação Brasileira, de acordo com os critérios estabelecidos pela OMS (REDONDO, 2000), deficiência auditiva equivale à redução na capacidade de ouvir sons em um ou ambos os ouvidos.

Assim, pessoas com perda auditiva que podem variar de leve a severa se enquadram no grupo com deficiência auditiva. Normalmente quem se inclui nesse grupo se comunica pela linguagem oral e faz uso de aparelhos auditivos ou implantes cocleares, que são dispositivos eletrônicos parcialmente implantados capazes de transformar sons em estímulos elétricos enviados diretamente ao nervo auditivo.

Entre os tipos de deficiência auditiva estão a condutiva, mista, neurosensorial e central.

Na deficiência auditiva condutiva ocorre interferência na condução do som desde o conduto auditivo externo até a orelha interna, e na maioria dos casos pode ser corrigido com tratamento clínico ou cirurgia. Já a neurosensorial ocorre quando há uma impossibilidade de recepção por lesão na orelha interna ou no nervo auditivo, esse tipo de deficiência é irreversível. A deficiência mista ocorre quando há ambas as perdas: condutiva e neurosensorial numa mesma pessoa. E a deficiência auditiva central, também conhecida como surdez central, não é necessariamente acompanhada de diminuição da sensibilidade auditiva, mas manifesta-se por diferentes graus de dificuldade na compreensão das informações sonoras. (RODRIGUES, 2017).

Podemos entender, então, como deficiente auditivo o indivíduo cuja perda auditiva é parcial ou total, podendo ser ou não oralizado, que utiliza a Língua Brasileira de Sinais para se comunicar ou até mesmo a linguagem oral.

Entretanto a diferenciação entre deficientes auditivos e surdos vai além de um olhar clínico e pode ser entendido também de forma cultural. A principal diferença é a utilização da Língua Brasileira de Sinais como primeiro idioma. Por se tratar de uma língua visual, ela é o primeiro idioma da comunidade surda no país. Dessa forma, é encontrado o principal aspecto cultural que diferencia os surdos dos deficientes auditivos, sendo o fator principal para a escolha do uso de um termo, ou de outro, a participação na comunidade surda. (TORRES, 2018).

2.2. SURDOS

A Comunidade Surda Brasileira comemora em 26 de setembro o Dia Nacional do Surdo. Nessa data são lembradas as lutas históricas por melhores condições de

vida, trabalho, educação, saúde, dignidade e cidadania.

A data foi escolhida pois no dia 26 de setembro de 1857 aconteceu a inauguração da primeira escola para Surdos no país, com o nome de Instituto Nacional de Surdos Mudos do Rio de Janeiro, atualmente conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

É considerado surdo todo aquele que tem total ausência da audição, ou seja, que não ouve nada. E é considerado parcialmente surdo todo aquele que a capacidade de ouvir, apesar de deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva, de acordo com estudos publicados pelo Instituto ITARJ (2017).

A partir de um olhar clínico, a surdez pode ser classificada de diferentes formas. Entre essas classificações estão os indivíduos com surdez leve, moderada, severa e profunda.

A surdez leve é caracterizada pelo indivíduo que apresenta perda auditiva de até quarenta decibéis:

Essa perda impede que o indivíduo perceba igualmente todos os fonemas das palavras. Além disso, a voz fraca ou distante não é ouvida. Em geral, esse indivíduo é considerado desatento, solicitando, frequentemente, a repetição daquilo que lhe falam. Essa perda auditiva não impede a aquisição normal da língua oral, mas poderá ser a causa de algum problema articulatório na leitura e/ou na escrita. (RODRIGUES, 2017).

Já a surdez moderada é caracterizada pelo indivíduo que apresenta perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis.

Esses limites se encontram no nível da percepção da palavra, sendo necessária uma voz de certa intensidade para que seja convenientemente percebida. É frequente o atraso de linguagem e as alterações articulatórias, havendo, em alguns casos, maiores problemas linguísticos. Esse indivíduo tem maior dificuldade de discriminação auditiva em ambientes ruidosos. Em geral, ele identifica as palavras mais significativas, tendo dificuldade em compreender certos termos de relação e/ou formas gramaticais complexas. Sua compreensão verbal está intimamente ligada à sua aptidão para a percepção visual. (RODRIGUES, 2017).

A pessoa com surdez severa é o indivíduo que apresenta perda auditiva entre setenta e noventa decibéis.

Este tipo de perda vai permitir que ele identifique alguns ruídos familiares e poderá perceber apenas a voz forte, podendo chegar até aos quatro ou cinco anos sem aprender a falar. Se a família estiver bem orientada pela área da

saúde e da educação, a criança poderá chegar a adquirir linguagem oral. A compreensão verbal vai depender, em grande parte, de sua aptidão para utilizar a percepção visual e para observar o contexto das situações. (RODRIGUES, 2017).

Já a pessoa com surdez profunda é o indivíduo que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis.

A gravidade dessa perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir a língua oral. As perturbações da função auditiva estão ligadas tanto à estrutura acústica quanto à identificação simbólica da linguagem. Um bebê que nasce surdo balbucia como um de audição normal, mas suas emissões começam a desaparecer à medida que não tem acesso à estimulação auditiva externa, fator de máxima importância para a aquisição da linguagem oral. Assim, tampouco adquire a fala como instrumento de comunicação, uma vez que, não a percebendo, não se interessa por ela e, não tendo retorno auditivo, não possui modelo para dirigir suas emissões. Esse indivíduo geralmente utiliza uma linguagem gestual, e poderá ter pleno desenvolvimento linguístico por meio da língua de sinais. (RODRIGUES, 2017).

Porém, é válido lembrar que essa diferenciação entre surdos e deficientes auditivos vai além de um olhar clínico. Atualmente, outro ponto de vista a ser analisado para a compreensão e utilização correta do termo “surdo” é o cultural e a utilização da Língua Brasileira de Sinais.

Segundo o Instituto ITARJ (2017), muitos surdos e pesquisadores consideram que o termo “surdo” se refere ao indivíduo que utiliza da Libras para se comunicar, e percebe o mundo por experiências visuais, valorizando a cultura e a comunidade surda.

2.3. LIBRAS

Para auxiliar na compreensão da importância da linguagem de sinais, é necessário refletir sobre o que é comunicação e qual seu papel na sociedade.

A essência da palavra “Comunicação” se traduz em “Tornar comum”. É através do ato de se comunicar que os seres humanos podem expressar seus sentimentos, pensamentos, e obter respostas, ou seja se relacionar com o meio em que vivem. Apesar da fala ser um forte elemento na assimilação de informações e interação com o(s) outro(s) indivíduo(s), há outros recursos importantes que uma pessoa utiliza para se comunicar, tais como gestos, sorrisos, cores, expressões faciais, olhares, sons e melodias, choro... até mesmo a respiração fora do ritmo natural de uma pessoa pode trazer diversos significados. (SILVA, [entre 2010 e 2021]).

A comunicação possui papel fundamental na sociedade, a troca de conhecimentos e informações importantes acontecem desde o princípio da humanidade e continua sendo estudada atualmente.

Indícios de comunicação estão presentes desde os tempos de nossos mais remotos antepassados, que ao desenharem gravuras nas rochas de cavernas ou interior de grutas, eles já expressavam a necessidade de registrar mensagens sobre seus costumes e crenças. Esses registros são estudados até os dias atuais, e trazem valiosas informações sobre nossa própria espécie. A evolução desses registros (na medida em que simples traços passaram a ter significados otimizando a troca de informações) é a escrita, acompanhada de toda variante de idiomas, dialetos, símbolos e culturas de cada povo ou país do mundo, ela é reconhecidamente um grande avanço para a transmissão de mensagens humana, sendo um recurso utilizado faz milhares de anos. (SILVA, [entre 2010 e 2021]).

Apesar dos avanços notórios na maneira de se comunicar e do surgimento da comunicação em massa, e a globalização com o advento da tecnologia, algumas privações ainda permanecem para a comunidade surda.

As dificuldades encontradas pela comunidade surda e deficientes auditivos diante da utilização dos meios comunicacionais mais comuns é algo que precisa ser refletido. Segundo a Academia de Libras (REDONDO, 2000), essa dificuldade se dá pelo não uso de Libras por esses meios, apesar de grandes avanços tecnológicos.

Antes de compreender o termo Libras, é importante entender o que é linguagem de sinais, também conhecida como linguagem gestual.

Desse ponto de vista, é possível analisar a importância da linguagem de sinais para a comunidade surda, linguagem essa que auxilia na integração desses indivíduos e na transmissão das ideias desse público.

A Língua de Sinais não é um conjunto de gestos que interpretam as línguas orais, mas uma língua que expressa um pensamento. Sendo assim, da mesma forma que os ouvintes discutem todo e qualquer tipo de assunto por meio da fala, os surdos estão no mesmo patamar, ou seja, eles podem emitir opiniões sobre vários assuntos. (SENAC, 2020).

Como citado anteriormente, a Língua de Sinais auxilia a comunidade surda a emitir opinião sobre vários assuntos, favorecendo a inclusão desses indivíduos na sociedade. Muitos deficientes auditivos e surdos utilizam da linguagem gestual para se comunicarem e transmitir ideias, pensamentos e vontades.

Para Cristiano (2017), a linguagem de sinais utiliza de gestos para substituir a linguagem oral e com sons, conhecida pela maioria da população.

Assim como a linguagem oral, a Língua de Sinais não é universal e pode variar de região para região. Segundo o portal do Senac (2020),

Assim como na língua oral-auditiva não há uma universalização, pois os ouvintes se comunicam em diferentes idiomas nos mais distintos países, as comunidades surdas também apresentam variações na língua de sinais devido à nacionalidade, regionalidade e cultura.

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida no ano de 2002, através da lei 10.436. Através dessa regulamentação, a Libras foi validada como meio de comunicação e expressão, ressaltando-se que essa língua de natureza visual-motora possui estrutura gramatical própria e constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias.

A Libras é a principal característica cultural que diferencia surdos de deficientes auditivos, sendo ela a língua principal da comunidade surda. Acredita-se no fortalecimento da identidade da comunidade surda através da utilização de Libras. Esse conceito é reforçado com a inserção desse idioma em escolas para o contato das crianças, para fortalecer sua identidade, aceitando a surdez como diferença e não deficiência.

A utilização da Língua de Sinais é uma forma de garantir a preservação da identidade das pessoas e comunidades surdas. Além disso, contribui para a valorização e reconhecimento da cultura surda. É imprescindível que as crianças surdas e os pais estabeleçam contato com a Língua de Sinais o mais cedo possível, aceitando a surdez como diferença e a Libras como uma modalidade de comunicação. (SENAC, 2020).

Esse fortalecimento de identidade contribui para a participação da comunidade surda na sociedade, como exposto pelo Senac (2020), sendo por meio dessa língua que o surdo fará a interação direta com a sociedade e poderá exercer sua cidadania, sendo essa a característica mais forte de inclusão.

2.4.O RÁDIO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL

Partindo da ideia de inclusão, pode-se iniciar uma nova reflexão a respeito dos meios de comunicação. Antes disso, é necessário entender a diferença entre inclusão e integração, dois termos muito utilizados quando o assunto é a participação de pessoas marginalizadas pelos meios de comunicação.

O livro *Mídia e Deficiência* (2003) descreve que inclusão e integração são utilizadas de forma confusa. A integração basicamente parte da ideia de que as pessoas precisam se reabilitar ou estar prontas para fazer parte de determinado grupo.

A integração parte do pressuposto de que as pessoas precisam estar prontas ou reabilitarem-se para fazer parte de um grupo, ou seja, elas são selecionadas de acordo com suas condições físicas, psíquicas e sociais, e, para aumentar as chances de inserção social, tendem a disfarçar suas limitações. O adjetivo integrador é usado quando se busca qualidade nas estruturas que atendem apenas às pessoas com deficiência consideradas aptas (escola integradora, empresa integradora). (FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL, 2003).

Entende-se, então, que no pensamento integrador o tratamento das pessoas com deficiências é homogêneo, ou seja, são destacadas as qualidades para compensar a falta de alguma capacidade.

Por outro lado, a inclusão pretende inserir total e incondicionalmente todas as pessoas, parte da certeza de que todos são diferentes e especiais, e não devem ser julgados para que sejam aceitas pelo meio em que vivem.

Ao contrário da “ética da igualdade”, que acaba por valorizar única e exclusivamente o que as pessoas têm de semelhante, e conseqüentemente permite a hierarquização de condições humanas, criando assim a categoria do “diferente”, a “ética da diversidade” se apoia na certeza de que a humanidade encontra infinitas formas de se manifestar. Portanto, não admite a comparação entre diferentes condições humanas, nem privilegia uma delas em detrimento de outras. Nessa concepção, perante a sociedade, os seres humanos terão o mesmo valor, não importa de que modo ouvem, andam, enxergam ou pensam. (CANCIAN *et al.*, 2008).

O conceito de acessibilidade é relacionado diretamente com a inclusão. Entende-se, então, por acessibilidade

Os conceitos de acessibilidade e inclusão social estão intrinsecamente vinculados. No senso comum, acessibilidade parece evidenciar os aspectos referentes ao uso dos espaços físicos. Entretanto, numa acepção mais ampla, a acessibilidade é condição de possibilidade para a transposição dos entraves que representam as barreiras para a efetiva participação de pessoas nos vários âmbitos da vida social. A acessibilidade é, portanto, condição fundamental e imprescindível a todo e qualquer processo de inclusão social, e se apresenta em múltiplas dimensões, incluindo aquelas de natureza atitudinal, física, tecnológica, informacional, comunicacional, linguística e pedagógica, dentre outras. É, ainda, uma questão de direito e de atitudes: como direito, tem sido conquistada gradualmente ao longo da história social; como atitude, no entanto, depende da necessária e gradual mudança de atitudes perante às pessoas com deficiência. Portanto, a promoção da acessibilidade requer a identificação e eliminação dos diversos tipos de barreiras que impedem os seres humanos de realizarem atividades e exercerem funções na sociedade em que vivem, em condições similares aos demais indivíduos.(UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2021).

Para a consultor de inclusão Romeu Kazumi Sassaki (2003, *apud* CANCIAN, 2008), uma sociedade está acessível quando elimina as barreiras, sejam elas no ambiente, na comunicação interpessoal, nos estudos, no trabalho e as mais diversas barreiras existentes. Em uma sociedade inclusiva e acessível, não pode haver barreiras, sejam elas físicas ou invisíveis, como em políticas públicas, normas e regulamentos, não se deve existir preconceito, estereótipos ou discriminações. Ao contrário disso, se deve acolher toda a pluralidade humana.

O processo de inclusão nos meios de comunicação começa com a adaptação do meio e da mensagem para o receptor. No caso desta pesquisa, trata-se da produção de um produto radiofônico para a comunidade surda, primeiramente buscando compreender as necessidades desse público e qual a melhor mensagem e o meio a ser utilizado.

O rádio possui grande capacidade de facilitar essa inclusão, pois desde o seu início é um meio de comunicação socialmente marcado pela instantaneidade e velocidade de informação.

O rádio, segundo pesquisa realizada em 1996 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), é o veículo de comunicação mais presente nos lares brasileiros. Essa audiência ampla se dá devido à linguagem facilitadora, à capacidade do rádio de ser entendido por um público muito diversificado, por não exigir do ouvinte um conhecimento especializado para a decodificação e a recepção nas condições mais diversas; e ao imediatismo, por disponibilizar os fatos no momento em que eles acontecem. (CANCIAN *et al.*, 2008).

Analisando os dados apresentados, já é possível ter um parâmetro da força do meio radiofônico para a inclusão, porém, para compreendermos melhor a maneira com que o rádio pode ser um instrumento facilitador, é necessário conhecer a sua história, desde o surgimento até os dias atuais e a utilização das novas tecnologias.

2.5.A HISTÓRIA DO RÁDIO E SUAS NOVAS TECNOLOGIAS

Compreender a história e desenvolvimento da radiodifusão, para Ferraretto (2010), implica em percorrer duas linhas de raciocínio distintas, porém complementares. Sendo elas, a do desenvolvimento de uma tecnologia que permitisse a transmissão de mensagens sem fio e a distância e da utilização dos avanços tecnológicos para um meio de comunicação massivo.

[...] essa duplicidade é possível porque os princípios físicos e os equipamentos usados no rádio assemelham-se aos da radiotelefonia, mudando apenas os objetivos da transmissão. No telefone, tem-se uma comunicação bidirecional e privada entre duas pessoas. O rádio pressupõe um fluxo unidirecional e público no qual se envia uma mesma mensagem para centenas ou milhares de pontos de recepção. Esta diferença, hoje óbvia, representa um marco na história da comunicação humana. (FERRARETTO, 2010).

As primeiras tecnologias a serem empregadas no rádio desenvolveram-se com base nas pesquisas de ondas eletromagnéticas e avanços através do telégrafo e do telefone. Essas adaptações aconteceram entre 1830 até aproximadamente o século vinte.

A invenção do telégrafo, do rádio e do telefone, ao final do século XIX, ditou as raízes da comunicação eletrônica, que representaria nova revolução tecnológica, trazendo no seu bojo mais uma forma de enunciação. Se a escrita permitiria hipoteticamente aos enunciados percorrer todas as distâncias entre homens, isso já não era suficiente. A velocidade industrial impunha uma nova relação espaço-tempo; tratava-se agora de anular as distâncias. (MEDITSCH, 2010, p.212).

Paralelamente ao desenvolvimento do telégrafo e do telefone, estudos sobre a eletricidade e suas particularidades ganhavam força. O professor de física James Clerk Maxwell demonstrou em 1863, por deduções matemáticas, os efeitos da eletricidade e do magnetismo e suas manifestações no espaço, dando origem a um campo que se propaga através de vibrações ondulatórias com a velocidade da luz.

A teoria de Maxwell é ratificada experimentalmente, em 1887, pelo físico alemão Heinrich Rudolf Hertz. Com o tempo, as ondas previstas pelos cálculos de Maxwell e confirmadas pelas experiências de Hertz passariam a ser conhecidas como hertzianas. (FERRARETTO, 2010).

O desenvolvimento de tecnologias para o rádio acontecia de forma simultânea em diferentes partes do mundo, como, por exemplo, o italiano Guglielmo Marconi, que empenhou grande parte de seus equipamentos e experiências em tentativas para a radiotelegrafia. Em suas primeiras tentativas, o italiano fez soar apenas uma pequena campainha ligada aos equipamentos em pouco mais de um quilômetro. Com o aprimoramento da técnica ampliou o raio de ação, em 27 de junho de 1896, Guglielmo realizou a primeira demonstração pública confirmada de radiotelegrafia.

Quando tudo estava pronto, Guglielmo Marconi pressionou a chave Morse. A cerca de um quilômetro no terraço de outro edifício, a mensagem começou a surgir na impressora Morse, à vista de todos! Os acontecimentos se precipitaram. Uma segunda demonstração foi marcada para 2 de setembro. Agora, além de outros representantes dos Correios, faziam parte da plateia membros do Exército e da Marinha da Inglaterra. Os sinais enviados por Marconi atravessaram os quase três quilômetros de extensão da planície de Salisbury. (BIRCH, 1993, *apud* Ferraretto, 2010).

Diante de grandes evoluções que estavam acontecendo nesse período na Europa e na América do Norte, o padre brasileiro Roberto Landell de Moura realizava experimentos e obtinha grandes resultados, por vezes mais expressivos que os internacionais.

Quanto à origem da tecnologia radiofônica em si, Roberto Landell de Moura, pesquisador da área da ciência da telecomunicação e realizador de diversos experimentos com a transmissão de som e sinais telegráficos sem fio por meio de ondas eletromagnéticas, é considerado no Brasil o inventor dos primeiros aparelhos de rádio. Entretanto, o cientista teve variadas dificuldades no desenvolvimento de suas pesquisas, contando com barreiras técnicas e financeiras, além da resistência da sociedade geral em levar seus estudos a sério. (SILVA, [entre 2010 e 2020]).

Mesmo diante de tantos avanços, os pesquisadores no início do século enfrentavam grandes dificuldades para a transmissão de sons sem o uso de fios. O começo da estabilidade das ondas eletromagnéticas ocorreu em 1906, quando o pesquisador Lee De Forest desenvolveu o tríodo ou válvula amplificadora, com base em estudos anteriores do Inglês Jonh Ambrose Fleming.

Segundo Ferraretto (2010), a primeira transmissão comprovada e eficiente aconteceu na noite de 24 de dezembro de 1906. Para esse feito, foi utilizado um alternador desenvolvido por Ernest Alexanderson. Essa primeira transmissão foi feita por Reginald A. Fessenden, permitindo ao canadense transmitir o som de um violino e trechos da Bíblia.

Em outras palavras, Fessenden desenvolveu a estrutura básica do processo de transmissão em amplitude modulada. Há registros de outras experiências bem-sucedidas do pesquisador canadense anteriores à da véspera de Natal de 1906. Em dezembro de 1900, ele já teria conseguido transmitir precariamente a voz humana. (FERRARETTO, 2010).

O surgimento de toda a tecnologia que possibilitou a transmissão de sons utilizando ondas eletromagnéticas não significou o surgimento do rádio em si. Segundo Ferraretto (2010), o uso dessas tecnologias e a utilização como rádio só começou se delinear somente dez anos após a experiência de Fessenden.

No Brasil, a primeira transmissão oficial foi registrada em 1922, quando o presidente Epitácio Pessoa fez seu discurso de maneira estratégica durante as comemorações do centenário da independência na inauguração da radiotelefonia brasileira. A Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) explica que o rádio só começou a ser operado oficialmente em 1923. Sendo os primeiros aparelhos de rádio conhecidos como “galenas”, produzidos de maneira artesanal com chumbo e um arame fino como antena.

A rádio só começou a operar, no entanto, em 30 de abril de 1923, com um transmissor doado pela Casa Pekan, de Buenos Aires, instalado na Escola Politécnica, na então capital federal. Pessoalmente, ao cumprir tarefa em pequeno estúdio de rádio, em 1933, aos 11 anos de idade, na Rádio Sociedade da Bahia, a PRA-4 de Salvador, aprendi que as primeiras emissoras eram clubes ou sociedades de amigos, em geral, nascidas da união de curiosos encantados com a sensacional novidade. (CASTRO, 2021).

Para Castro (2021), divergências sempre irão existir a respeito da radiodifusão e onde operou a primeira emissora, “nosso país não tem a tradição de preservar a memória nacional. Por isso, as controvérsias sempre vão existir”.

O rádio analógico chegou no Brasil no ano de 1920, com as transmissões através de ondas eletromagnéticas, se tornando um dos meios de comunicação mais importantes do país. Sua soberania foi ameaçada com a invenção da televisão e seus

investimentos foram decrescendo.

A tecnologia do transistor surgiu no dia 23 de dezembro de 1947. A proposta, apresentada por cientistas da Bell Telephone Laboratories, tinha como objetivo ampliar sinais elétricos através do uso de gerânio como material semicondutor. Com isso, as válvulas que, além de terem grandes dimensões, demandavam muita energia, puderam ser substituídas (FERRARETTO, 2001) e assim a fonte de alimentação do aparelho poderia ser trocada por pilhas, atribuindo-lhe mais mobilidade. (LOPEZ, 2009, p.469-470).

A tecnologia que fortaleceu a sobrevivência do rádio foi a criação do transistor, dando ao rádio a mobilidade necessária para se consolidar, permitindo uma consolidação móvel eletrônica.

Essa nova tecnologia permitiu ao rádio se livrar das grandes quantidades de fios e a possibilidade de ser consumido de forma individualizada.

A partir deste momento, a programação poderia acompanhar o seu público em suas tarefas diárias, mesmo quando estas fossem externas. O rádio deixava, assim, sua função principal de centro de lazer e entretenimento familiar para se tornar o companheiro mais cúmplice do ouvinte. [...] A transistorização mudou, assim, a postura do público em relação ao veículo. Sua audiência passou a ser individual, o que exigiu dos comunicadores também um novo olhar, de quem conversa com um sujeito e não mais de quem se insere no seu ambiente familiar, como um agente em um processo já estabelecido. (LOPEZ, 2009, p.471-472).

Além da criação do transistor, outras tecnologias favoreceram a continuidade do rádio. Conforme Ortriwano (2002-2003 apud LOPEZ, 2009, p. 472), “uma série de inovações tecnológicas são especialmente favoráveis ao renascimento do rádio e à transmissão jornalística. Entre elas, o gravador magnético, o transistor, a frequência modulada e as unidades móveis de transmissão”.

No Brasil, atualmente o rádio opera em duas modulações, amplitude modulada (AM) e frequência modulada (FM). Nem sempre o rádio foi dessa forma em solo brasileiro, no início operava somente em AM. A principal diferença entre essas duas frequências é a qualidade, sendo a FM de maior qualidade na transmissão do sinal.

Segundo Prata (2008, p. 28),

Uma tendência da audiência do rádio no Brasil é a queda pela preferência do AM. As emissoras FM a cada dia têm abocanhado faixas importantes do público que antes era cativo do AM. Uma das razões desta queda pode ser apontada como a baixa qualidade de som do AM, sempre associado a chiadeiras e ruídos constantes. Algumas estações AM oferecem, inclusive, ajuste gratuito em antenas de automóvel, para que o som chegue mais claro

aos ouvintes.

A história da migração do rádio de amplitude modulada (AM) para frequência modulada pode ser dividida em algumas etapas. A ABERT (2021) divulgou uma linha do tempo para explicar de forma cronológica:

- Em maio de 2010, a Agência Nacional de Telecomunicações publicou um estudo sobre a viabilidade técnica da migração do rádio AM para a faixa de FM, usando os canais 5 e 6 de televisão em Santa Catarina;
- Em junho de 2011, membros do Conselho de Rádio da ABERT e presidentes das associações estaduais de radiodifusão fecharam questão sobre a mudança, com a destinação desses canais para o rádio AM em todo o país;
- O texto foi remetido em setembro de 2013 para a análise técnica da Casa Civil;
- A presidente Dilma Rousseff assinou o decreto da migração em 7 de novembro de 2013, Dia do Radialista, durante cerimônia no Palácio do Planalto; (Decreto nº 8.139/13);
- No dia 12 de março de 2014, o ministro das Comunicações, Paulo Bernardo, assinou portaria que regulamentou a migração do rádio AM para a faixa de FM; (Portaria nº 127);
- No dia 25 de agosto de 2014, o ministro das Comunicações, Paulo Bernardo, assinou as primeiras autorizações para a migração do rádio;
- No dia 24 de novembro de 2015, o ministro das Comunicações, André Figueiredo, assinou a Portaria nº 6.467 que definiu os preços da migração do rádio AM para o FM (Portaria);
- Em 23 de maio de 2017, o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações regulamenta a forma de devolução do canal de OM à União; (Portaria nº 2.771/17)
- No dia 25 de janeiro de 2018, o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, no exercício do cargo de Presidente da República pela ausência do presidente Michel Temer, assinou Decreto que abriu novo prazo de 180 dias para que as emissoras remanescentes apresentassem o pedido de migração do serviço de rádio AM para o FM. (Decreto 9.270/18).

Acredita-se que a adaptação de outorga das rádios é um exemplo de sucesso para a política pública em defesa às pequenas emissoras de rádio no Brasil. Segundo a ABERT (2021), a migração teve como objetivo o fortalecimento das pequenas emissoras, pois a mudança possibilitou uma melhor qualidade de áudio e transmissão, além de possibilitar que os programas sejam ouvidos pelos aparelhos celulares.

As novas tecnologias foram capazes de fazer com que o rádio se reinventasse, com novos dispositivos e novos formatos. Conseguindo alcançar lugares que as ondas hertzianas não são capazes de chegar. A rede mundial de computadores foi capaz de levar o rádio a lugares inimagináveis anteriormente.

Ao convergir com a internet, a instantaneidade e a agilidade, que são as características primordiais do rádio, se acentuam de modo a dinamizar e a reconfigurar o caráter radiofônico. A linguagem sonora do rádio é incorporada

à linguagem hipertextual da rede mundial de computadores. Levando-se em consideração que a web é um espaço capaz de aglomerar múltiplas formas de comunicação em sinergia. (BRAZ e MEIRELES, 2012).

Atualmente, o rádio se tornou um meio multiplataforma. Com os avanços tecnológicos, deixou de ter uma audiência contemplativa e passou a ter uma audiência participativa. Para Lopez (2015), essa horizontalidade se deve às novas tecnologias e à adaptação do meio.

A disseminação de novas plataformas como a internet e a transmissão digital via satélite vêm reconfigurando o rádio, num processo de convergência de mídias que constitui vasto campo de disputas – texto, áudio e vídeo têm sido integrados não só na rede mundial de computadores, mas também na telefonia móvel e na TV digital [...]. (KISCHINHEVSKY, 2009, p. 227, *apud*, LOPEZ, 2015).

O rádio possui uma nova “interface”. Passou a ser comum, além da linguagem específica utilizada por esse meio e as ondas hertzianas, a utilização de vídeos, e plataformas de streamings. Como é ressaltado por Lopez (2015), a comunicação, que agora é feita com o meio e entre seus usuários, passou a ser multidirecional. Construindo um novo perfil de ouvinte-internauta, isso somente foi possível com a ampliação do acesso a internet, redes sociais e outras plataformas digitais, embora seja uma potencialização de um movimento histórico.

[...] entendemos que o processo de convergência do rádio (mídia de cunho tradicional) é, na verdade, uma necessidade do meio de se adequar à nova cultura que permeia o cotidiano de seu público. O estreitamento das relações e interações com esse público passa a ser contínua, permitindo que o usuário acesse a informação a qualquer momento, e não somente no dado instante em que esta foi divulgada pelo meio. Esta pequena mudança altera o fluxo comunicacional, quebrando a dependência anterior da organização sequencial de uma grade de programação e permitindo personalização e pausas no consumo. O ouvinte agora é também usuário: ele compartilha, curte e “retuíta”. Emite opinião, cria meios de debate e rompe com as barreiras comunicacionais com as emissoras e/ou outros produtos radiofônicos. (LOPEZ, 2015).

Diante disso, é possível ressaltar que no contexto digital o discurso sonoro do rádio estabelece novas interfaces. Para Medistch, não é apenas uma interface com a realidade bruta, mas facetas que se relacionam com hipertextos e redefinem a realidade humana ao mesmo tempo que são capazes de se expressar.

Dessa forma, o novo rádio digital, com todas as suas limitações, preserva

ainda o papel social do velho rádio no sentido de servir de ferramenta para o enfrentamento das variadas formas de desinformação, que persistem e se ampliam no coração mesmo da nova “sociedade da informação”. (MEDITSCH, 2010, p. 235).

O novo padrão radiofônico brasileiro não trabalha apenas com transmissões sonoras. A digitalização do rádio faz com que ele deixe de ser um “meio cego” e passe a enxergar através do seu visor de cristal líquido (LCD), englobando a comunicação visual.

Além disso, a possibilidade de abranger maior quantidade de canais e, é claro, uma maior interatividade, proporcionada pela convergência midiática. As novas tecnologias e essa nova maneira de fazer rádio ressaltam o papel social do meio e sua capacidade de inclusão.

2.6. RÁDIO PARA TODOS

Ao conhecer a história do rádio e as novas tecnologias utilizadas por esse meio, é possível compreender a relevância do meio e a sua capacidade de inclusão.

Os meios de comunicação, além de levar informações para as pessoas, são capazes de auxiliar na formação de opinião e na formação de uma sociedade inclusiva.

Para Cancian *et al.* (2008),

Os meios de comunicação, além de levarem a informação para as pessoas, exercem um poder de influência na vida social capaz de contribuir para a construção de uma sociedade inclusiva, isso se o trabalho jornalístico-comunicativo for fundamentado com base na responsabilidade social.

Essa capacidade dos meios de comunicação pode contribuir para a formação de uma sociedade mais inclusiva e com uma comunicação para todos. No caso do rádio, sua grande capacidade de inclusão deve-se à sua agilidade e seu baixo custo, quando comparado a outras mídias.

Conforme Emílio Prado (1985, *apud* CANSIAN, 2008), a mobilidade da radiodifusão relacionada ao imediatismo não se compara aos outros meios de comunicação, por isso que a notícia veiculada pelo rádio é a primeira. A simultaneidade e instantaneidade permitem que a mensagem seja transmitida ao vivo

do palco dos acontecimentos e seja abrangente, sem fronteiras. É considerado o meio de maior interação, pois cede espaço ao ouvinte para participar da programação, pedindo música, emitindo opinião ou prestando alguma informação.

A agilidade do rádio e a proximidade com seu público são umas das características mais marcantes e que o tornam um meio capaz de alcançar grande quantidade de pessoas.

Com as novas adaptações e tecnologias sendo usadas de maneira coordenada pela perspectiva da inclusão, utilizando de linguagem apropriada para a disseminação da mensagem, através do rádio, a inclusão da comunidade surda se torna possível.

2.7 PODCASTING

A partir das pesquisas realizadas e avaliando as novas tecnologias que passaram a ser utilizadas pelo rádio, surgem vários estilos de fazer rádio, entre eles o *podcasting*.

De acordo com o dicionário Michaelis (2021), a palavra *podcast* é de origem inglesa e significa um conjunto de arquivos publicados por meios digitais. Pode ser composto de notícias, vídeos e músicas, esses arquivos ficam armazenados em um servidor na internet, sendo sujeito a alterações constantes e podem ser baixados para um computador ou aparelhos portáteis.

Segundo Bortolatto (2020), a primeira vez que se ouviu falar no termo *podcasting*, aparentemente, foi em 2004, quando o escritor *Ben Hammersley* publicou no jornal *The Guardian* o Artigo "Audible Revolution".

Quando utilizado aqui, por Hammersley, o termo *podcasting* não possuía nenhuma caracterização específica. Era uma "denominação geral", pois ainda não havia nenhum exemplo dessa prática na época. Isso mudou alguns meses depois, em agosto. Foi quando Adam Curry, um ex-VJ da MTV norte-americana, começou a produzir o Daily SourceCode, um programa de áudio diário, que incluía de tudo um pouco, entrevistas, música, relatos pessoais, por exemplo. (BORTOLATTO, 2020).

Ainda sobre a origem do *podcast*, Loubak (2019) acrescenta que o termo *podcast* vem da junção de "iPod", dispositivo reproduzidor de áudio da Apple, e "*broadcast*", palavra em inglês que significa "transmissão" e ressalta que os créditos para a criação desse conceito são atribuídos ao ex-VJ da MTV Adam Curry e ao

desenvolvedor de softwares Dave Winner. Em 2004, eles criaram um programa chamado "iPodder", que permitia baixar automaticamente transmissões da Internet para iPods.

Após seu surgimento, não demorou muito para que as empresas reconhecessem o potencial do formato. Exemplo disso, em 2005, a Apple lançou o iTunes 4.9, a primeira atualização com suporte nativo a podcasts. No mesmo ano, o então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, passou a disponibilizar suas transmissões semanais nesse tipo de formato (LOUBACK, 2019).

Esse sucesso se deve ao seu formato de disseminar suas informações, diferente do rádio tradicional. "Diferente dos programas de rádio tradicionais, os podcasts podem ser ouvidos a qualquer momento, basta acessar sites e serviços que agregam esse tipo de conteúdo." (Ibidem)

No Brasil, o primeiro *podcast* surgiu em 2004 com Danilo Medeiros apresentando Digital Minds.

Em outubro de 2004, foi publicado o primeiro episódio do Digital Minds, que foi o primeiro podcast do Brasil. Por trás da ideia estava Danilo Medeiros. O projeto trazia conteúdos sobre tecnologia, ciência, música e cultura. O projeto foi paralisado em 2006. Em 21 de outubro de 2017, após um longo intervalo parado, o Digital Minds voltou à ativa. Infelizmente, durou apenas três episódios e não recebe atualizações em seu canal no YouTube há mais de três anos. (COMUNIQUE-SE, 2021).

A partir do surgimento do primeiro *podcast*, outros projetos passaram a ser elaborados, porém o crescimento do formato só aconteceu em 2019, após o público brasileiro conhecer melhor o formato.

O podcast no Brasil tem audiência desde o seu lançamento, em 2004. No entanto, ele passou a ser mais conhecido e propagado recentemente. O ano de 2019 pode ser considerado como o "divisor de águas". De acordo com o Spotify, o número de ouvintes de podcasts no Brasil cresceu 330% de 2018 para 2019.

Uma pesquisa do Ibope divulgada na época mostrou que 40% dos internautas brasileiros já haviam tido contato com podcasts. Em entrevista ao CanalTech, o vice-presidente da Associação Brasileira de Podcasts (Abpod) concorda que 2019 foi o ano dos podcasts, baseando-se na amplitude, evidência e projeção nacional do projeto. (COMUNIQUE-SE, 2021).

Esse formato tem crescido e atendido diversos públicos, como salientado por Vilela (2021), sendo o áudio uma mídia anteriormente renegada basicamente à música e à inclusão de pessoas com deficiências auditivas, com o *podcast* voltou a

conquistar espaço.

No período de um ano — de 2019 para 2020 —, o Brasil ganhou mais 7 milhões de ouvintes acima dos 16 anos, que escutam o conteúdo principalmente pelo smartphone. Vale destacar que os podcasts também têm mais penetração na vida de pessoas que já têm o hábito de ouvir música (45%), se comparado aos internautas de maneira geral (32%). (VILELA, 2021).

Assim como o rádio, o *podcast* se tornou um companheiro para os consumidores brasileiros. Segundo Vilela (2021), a maior parte das pessoas o consome de forma simultânea. As pesquisas revelam que a sensação de proximidade e a informalidade são dois dos sentimentos mais marcantes transmitidos pelo formato. Com o *podcast* já consolidado no Brasil, surge então derivações como o *videocast*.

O podcast, já consolidado, ganhou um “derivado”. Os videocast, também chamados de vidcast ou vodcast, nada mais é do que um podcast com conteúdo em vídeo, além do áudio. Isso porque os usuários não poderiam deixar de lado o grande potencial de plataformas de streaming, como o YouTube, Twitch e entre outras.

Em vez de registrar somente o áudio, passou-se a gravar a imagem da hora da gravação. A gesticulação do convidado, os olhares, enfim... foi um algo a mais. E o sucesso era mais do que esperado. Afinal, no Brasil, segundo dados da Kantar Ibope, 99% dos internautas brasileiros acompanham vídeos.

Hoje já são centenas de projetos disponíveis nas plataformas de vídeo. Tanto no Brasil quanto fora, os videocasts são sucesso garantido. (COMUNIQUE-SE, 2021)

Esse novo formato derivado do *podcast* já é muito consumido no Brasil e a crescente utilização das multiplataformas pelo rádio enfatiza a capacidade desse meio de comunicação atender à comunidade surda de maneira inclusiva e com qualidade.

3. PODLIBRAS

A partir das pesquisas bibliográficas, confirmou-se que a modalidade de rádio mais adequada para ser desenvolvida pela pesquisadora era o *podcast*, utilizando seu derivado *videocast*. A decisão foi feita para atender de forma mais assertiva o público-alvo do produto, a comunidade surda. Levando em consideração a crescente procura por esse tipo de conteúdo em plataformas digitais e as novas tecnologias utilizadas pelo rádio.

O produto possui linguagem radiofônica, que segundo Ferraretto (2000), é composta por alguns elementos, entre eles voz humana aliada ao conteúdo/texto e entonação, música, efeitos sonoros e o silêncio. Algumas outras características como a vinheta são utilizadas para identificar o produto, tanto no início como ao final, podendo ser sonora e/ou visual.

Conforme é possível perceber os recursos sonoros funcionam como um elemento semiótico que interage diretamente com o imaginário do ouvinte, por meio dela o ouvinte chora, ri e até pode ser despertado para ira, ao associar o que ouve às suas experiências vividas e à visão que tem do mundo. (MAFRA; VIANA; SOUZA, 2010).

Nesse produto, é importante ressaltar que a linguagem radiofônica também inclui o silêncio, sendo ele o responsável por trazer reflexão e nesse caso em específico o entendimento por parte dos convidados.

No que tange ao silêncio, mencionam-se aqui as interrupções cujo objetivo seria despertar no ouvinte o ato reflexivo e ainda acentuar ou reduzir determinados aspectos dramáticos contidos na voz do comunicador. Esses atributos nenhum podem produzir na mente ouvinte se não estiverem, dentro do possível, aliados a um planejamento que tornará eficaz a mensagem do comunicador. (MAFRA; VIANA; SOUZA, 2010).

Para a utilização eficaz dessa linguagem, é necessário levar em consideração alguns pontos importantes. Segundo Mafra, Viana, Souza (2010), é preciso considerar o público-alvo, os objetivos, os gêneros entre outros elementos para definir qual a melhor utilização dos signos da linguagem radiofônica no produto em que será utilizada. Para eles:

Após a explanação sobre a linguagem radiofônica, concluímos que ela transcende o real, necessitando, a todo o momento, ser reformatada, dada a

velocidade de transformações porque passa ao longo do tempo[...]
[...] os gêneros radiofônicos merecem, dependendo de seus objetivos, uma linguagem peculiar, a fim de alcançarem seus objetivos.

A partir dos esclarecimentos sobre linguagem radiofônica e suas adaptações de acordo com seu objetivo, é possível identificar a melhor forma de utilização dos signos nesse produto, que serão descritos posteriormente.

Segundo Barbosa Filho (2003), e sua classificação de gêneros radiofônicos, é possível identificar que o PodLibras se encaixa como “especiais”, sendo eles híbridos e multifuncionais.

Prata (2009) avaliou as modificações que o rádio apresenta quando entra na internet e o surgimento das webrádios, afirmando permanecem algumas características do rádio analógico como a oralidade, a instantaneidade, a diversidade. Porém, indica novas características como o hipertexto, as imagens e o aumento da interatividade desse com as possibilidades oferecidas pela rede mundial de computadores.

A seguir, são conceituadas e descritas as etapas de produção do produto.

3.1 PRÉ PRODUÇÃO

A pré-produção engloba toda preparação e ajustes de detalhes antes da produção em si. A pesquisa do tema é feita de maneira bibliográfica, como explicado no capítulo 2 deste trabalho de conclusão de curso, exemplificando toda metodologia adotada para a realização da pesquisa sobre o tema.

[...] caracteriza-se como uma etapa voltada ao levantamento e análise de informações para produção de qualquer produto audiovisual, seja um programa de TV, um telejornal, uma peça publicitária ou até um programa para rádio. São levantadas as informações do roteiro, investimentos financeiros, mão de obra necessária, definição de tarefas, prazos e disponibilidades gerais para realização, como locação, período de gravações, cenografia e figurino. (SOARES e SILVA, 2012, p.4).

A escolha das fontes é outra etapa importante para a produção radiofônica. Ferraretto (2000) esclarece que rádio possui um fluxo particular de trabalho, sendo que as informações chegam de diversas maneiras, entre elas as fontes internas, que são mantidas pela própria emissora, e as externas. Nessa pesquisa, as fontes utilizadas foram externas e a internet.

As fontes foram escolhidas depois de pesquisas realizadas em perfis no Instagram, tendo como parâmetro a seleção de pessoas com influência e relevância no meio dos surdos e que pudesse trazer uma conversa diversificada para o podcast.

Daniella Martins, escritora e blogueira surda, teve seu primeiro trabalho publicado em 2018, o livro *Anjos da Morte*, pelo Amazon. Autora do blog Mundo de Danniki. Nasceu surda com perda de severa a profunda e é nativa na Língua Brasileira de Sinais (Libras), apesar de ser oralizada. Graduada em Gestão de Recursos Humanos em 2014.

Fernanda Oliveira também é escritora surda sinalizada (tem a Língua Brasileira de Sinais como língua materna). É coautora do livro *O destino de Karin*, em parceria com a autora Daniella Martins. Além de escritora, é apaixonada por leitura e marketing digital.

O contato com as fontes foi realizado inicialmente pelo Instagram. Por meio do que foi apresentado o produto e então agendada uma pré-entrevista para mais informações.

A pré-entrevista foi uma maneira encontrada para ter o contato direto com as fontes e poder confirmar as informações obtidas através das pesquisas em seus perfis na rede social. Esse encontro possibilitou analisar as principais características e formas de se comunicar das convidadas, além de levantar pontos estratégicos para a formulação das perguntas do programa.

A pré-entrevista aconteceu no dia 11 de setembro de 2021 e foi de extrema importância para compreender de maneira mais clara qual seria a melhor angulação para a pauta e quais temas deveriam ser abordados. Durante a reunião foram debatidos temas que são importantes para a comunidade surda e, principalmente, o olhar sobre a inclusão. Esse contato possibilitou que as dúvidas fossem esclarecidas e as convidadas ficassem mais ambientadas com a pesquisadora.

Diante disso, alguns critérios foram estabelecidos para que o programa acontecesse de forma acessível para todos os públicos, pois mesmo o *podcast* sendo voltado para a comunidade surda através da inclusão, é de extrema importância que todos os públicos tenham acesso ao conteúdo.

Para que o produto atendesse essas demandas foram selecionadas algumas formas de apresentação. Entende-se que é importante distinguir quem está falando no rádio, para que isso acontecesse tanto para a comunidade surda ou para os

ouvintes foram escolhidos dois intérpretes diferentes para fazer essa fonetização para o público ouvinte e a interpretação para a comunidade surda.

Diante disso, é importante ressaltar que as convidadas são surdas e não mudas. Sendo Daniella Martins surda oralizada, mas tem a Libras como principal língua, e Fernanda Oliveira, surda sinalizada, porém oraliza para conversar com a família, tem a Libras como primeira língua.

Dessa forma, suas vozes muitas vezes podem aparecer ao fundo da interpretação ou tradução, pois, como é explicado por Ferraretto (2000), a produção da voz ocorre na laringe, onde estão as cordas vocais, pregas de mucosa e musculatura dos indivíduos. Ressalta, então, “que a voz é o elemento radiofônico por excelência”, como dito por Maria Cristina Romo Gil (*apud* Ferraretto, 2000).

Dessa forma, acredita-se que o uso de dois intérpretes favorece a compreensão do público para identificar que se tratam de duas pessoas diferentes, cada qual com sua história.

O *podcast* foi desenvolvido utilizando da linguagem radiofônica e por se tratar do gênero radiofônico “especial”, que segundo Barbosa Filho (2003) são híbridos e multifuncionais, poderá atender o objetivo do produto, ser consumido pela comunidade surda. A linguagem radiofônica pode ser identificada pelo uso da voz humana, texto, efeitos sonoros e o silêncio. Para Armand Balsebre:

A linguagem radiofônica é o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos, da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes (*apud* MAFRA; VIANA; SOUZA, 2010.).

Durante a pré-produção traçou-se os caminhos mais eficientes para a produção do *podcast*, escolhendo utilizar também o formato de vídeo, além da linguagem radiofônica. Partindo do pressuposto das novas tecnologias aderidas pelo rádio e da possibilidade de ser multifuncional e híbrido de acordo com seu gênero radiofônico.

A utilização de uma tecnologia visual teve como objetivo alcançar o público-alvo do produto, a comunidade surda.

Outro diferencial, no que diz respeito às novas formas de interação, é que essas novas possibilidades promovem a inovação na produção de conteúdo por meio dos suportes oferecidos, fazendo com que os gêneros interfiram uns nos outros, de acordo com as características culturais digitais que a cada dia

quebram as formalidades e lançam novas tendências. (MAFRA; VIANA; SOUZA, 2010).

O produto foi desenvolvido com base em conversas com as fontes após uma pré-entrevista, e pesquisas bibliográficas, como está descrito no capítulo 2 deste trabalho de conclusão de curso.

3.2 PRODUÇÃO

A produção é caracterizada pela organização, planejamento de uma série de processos que têm como propósito gerar um resultado de forma objetiva, concisa e coesa, obedecendo às etapas e à funcionalidade de cada uma delas.

[...] caracteriza-se como a etapa principal de todo processo, ou seja, todos os tópicos que foram levantados na etapa anterior estão agora em ação, trata-se da execução do projeto, ganhando forma e vida. Nesta etapa todos os elementos necessários estão sendo aplicados dentro do que foi planejado na Pré-Produção e obedecendo aos prazos para poder ser executado de fato. (SOARES e SILVA, 2012, p. 5).

Depois da pré-entrevista e dos dados coletados, foi realizada a elaboração da pauta (Apêndice A). Segundo Ferraretto (2000), a pauta representa um parâmetro e um indicativo por onde começar o trabalho jornalístico.

Uma boa pauta deve conter as informações básicas para o repórter realizar o seu trabalho com segurança. Alguns dados são essenciais:

- Um breve resumo do assunto;
- Questões que a reportagem pretende responder;
- Nomes, cargos, telefones, endereços e outras referências básicas disponíveis da fonte [...]. (FERRARETTO, 2000, p. 250).

Após a elaboração da pauta e com os dados organizados, foram realizados o agendamento da entrevista e a gravação do *podcast*. O formato de entrevista foi escolhido para que pudesse atender de maneira mais assertiva a necessidade da comunidade surda e que pudessem ser compartilhadas as experiências de vida das convidadas. De acordo com Ferraretto (2000), esse formato possui algumas características próprias, nele a figura do apresentador é fundamental, pois é ele quem conduz a entrevista e quando necessário emite opiniões. Porém, as perguntas e

respostas dos protagonistas dos fatos ocupam a maior parte do conteúdo.

Depois de toda parte estrutural, foi elaborado o roteiro (Apêndice B) com base nas conversas desenvolvidas e da angulação da pauta.

Segundo Ferraretto (2000), “é a forma mais comum de organizar a produção de um programa em emissoras de rádio jornalísticas. Prepara-se um espelho – um esboço - do programa, prevendo as inserções com entrevistas ou reportagens”.

A forma de encontro escolhida para a execução do produto foi virtual, levando em consideração o momento em que a pesquisa foi desenvolvida, durante a pandemia de Covid-19. Além disso, depois de conversar com as convidadas Daniella Martins e Fernanda Oliveira, a pesquisadora pode ter mais contato com a comunidade surda e perceber suas necessidades para melhor inclusão nesse formato radiofônico. As convidadas ressaltaram que de maneira virtual seria mais fácil de visualizar os intérpretes, facilitando o entendimento dos receptores do conteúdo.

A primeira gravação aconteceu no dia 18 de setembro, de maneira remota e respeitando todas as medidas de segurança. Para a captação foi utilizado o estúdio da Igreja Mensagem do Amor de Deus, cedido de maneira voluntária a esta pesquisadora. Para essa produção, o apoio técnico também foi realizado de forma voluntária por José Eduardo da Silva Ramos e Guilherme Mariano, que estiveram presentes no dia da gravação para auxiliar na preparação do local, testagem de microfones, conexão com a internet e plataforma.

A plataforma escolhida para a gravação da primeira tentativa foi o Google Meet, aplicativo da companhia Google.

Google Meet é uma plataforma de videoconferências do Google, pertencente ao Workspace, que oferece planos gratuitos e pagos para criação de reuniões com até 250 pessoas, com duração de até 24 horas, criptografia e uma série de recursos disponíveis[...]

[...] O Google Meet funciona pela Internet, sendo acessível tanto no computador, por meio do site do serviço no navegador, como pelo celular, por meio de aplicativo próprio. Participantes de uma sessão podem transmitir vídeo e áudio direto de seus dispositivos a qualquer momento, caso desejem interagir com os demais participantes da reunião. (GARRETT, 2021).

A conversa aconteceu de maneira agradável e proveitosa e teve a duração de uma hora e vinte minutos, com a participação das convidadas Daniella Martins e Fernanda Oliveira e de dois intérpretes de Libras, Fernanda Rodrigues e Ariel Xavier dos Santos. Fernanda Rodrigues ficou responsável por interpretar para as convidadas

o que era dito pela apresentadora e de traduzir as falas de Daniella Martins. Ariel Xavier ficou responsável em traduzir as falas de Fernanda Oliveira. Por se tratar de duas escritoras, o tema escolhido para a conversa foi leitura e literatura e assuntos relevantes para a comunidade surda indicados por elas. Por conta de desconfiguração da plataforma utilizada, o programa precisou ser regravado.

A segunda gravação aconteceu no dia 02 de outubro de 2021. O local utilizado foi um estúdio montado na residência da pesquisadora, que contou com equipamentos emprestados de maneira voluntária por Guilherme Mariano e da Igreja Mensagem do Amor de Deus.

Para a realização da segunda gravação e com intuito de corrigir o erro de desconfiguração, foi novamente utilizada a plataforma Google Meet para a realização da reunião online e para gravação foi utilizado OBS Stúdio, programa indicado pela orientadora Daniela Bochembuzo e pelo técnico Leandro Zacarim, do Núcleo Multimídia do Centro Universitário do Sagrado Coração (Unisagrado).

O OBS Studio é um programa utilizado para transmissão de vídeo ao vivo na Internet, sendo possível incluir múltiplas câmeras, trilha sonora, efeitos visuais e textos nas lives. O software está disponível para download no Windows (PC), Mac OS e Linux, e dispõe de duas versões: 32 e 64 bits. O OBS é compatível com as plataformas Mixer, YouTube Gaming, Twitch TV e Facebook Gaming. Além de ser um dos apps mais utilizados em sua categoria [...], (EDUARDO, 2020).

A conversa aconteceu de forma tranquila e proveitosa. Todas as informações relevantes levantadas na primeira entrevista foram reafirmadas no dia 02 de outubro. O esquema de tradução e interpretação aconteceu da mesma forma do dia 18 de setembro.

O nome do *podcast* foi escolhido para ser único e exclusivo, após pesquisas de *podcast* já existentes. O nome PodLibras surgiu do conceito de unir a palavra *podcast* e Libras, reafirmando o conceito de ser um produto voltado para a comunidade surda.

Pensando na parte visual do *podcast* e levando em consideração que o produto foi desenvolvido para a comunidade surda, na qual a comunicação visual é de extrema importância para a compreensão, foi pensada em uma identidade visual para o *podcast*.

Uma identidade visual reúne toda a referência visual que leva a identificar uma empresa ou produto vinculando-os em suas diversas variações. Reúne

também as informações visuais como os logotipos, os símbolos, as cores, os tipos, as disposições e os arranjos gráficos que devem sempre se manter dentro de um padrão para estabelecer a consolidação de uma marca e de seu produto. (TEIXEIRA; SILVA; BONA, 2007).

Para a identidade visual do podcast, foi desenvolvido uma logomarca (Apêndice C) e uma vinheta. Vale ressaltar que a pesquisadora não possui formação na área de design e produção audiovisual, porém, ao ter contato com profissionais para desenvolver essa identidade visual, percebeu que alguns detalhes não eram desenvolvidos da forma com que ela esperava, então, sentiu a necessidade de formular tanto a logomarca quanto a vinheta, para se manter fiel a detalhes considerados por ela importantes.

A escolha de cada elemento da identidade visual foi pensada de acordo com seu significado para o público-alvo. A cor azul foi usada de forma predominante, pois para a comunidade surda essa cor representa grandes momentos históricos.

A cor Azul representa para a Comunidade Surda dois momentos históricos, o primeiro momento é o período da Segunda Guerra Mundial em que os Nazistas identificavam as Pessoas com Deficiência através de uma faixa de cor azul fixada no braço. O segundo momento é o atual. O azul simboliza a opressão enfrentada pelos surdos ao longo da história, mas mais que isso, mostra o orgulho de ser surdo, de englobar uma história, uma língua e um povo. (GONÇALVES, 2016).

Outra cor escolhida para integrar a identidade visual foi o roxo, a escolha foi feita a partir de estudos da psicologia das cores. Segundo Clemente (2020), o roxo simboliza transformação, imaginação e criatividade.

O sinal de Libras, utilizado ao fundo da imagem, ressalta que o produto é acessível para a comunidade surda.

Com o foco na acessibilidade linguística por meio da Libras, o símbolo é utilizado para identificar o conteúdo originalmente produzido na língua ou com tradução/interpretação para Libras, a partir da Língua Portuguesa, por exemplo. No caso de tradução/interpretação, o conteúdo pode refletir transposição do Português para a Libras e vice-versa.

O símbolo, ao indicar um discurso em Libras, pode representar a presença de um interlocutor surdo, um ouvinte com fluência na língua ou um tradutor e intérprete de Libras.

A imagem do símbolo foi inspirada no próprio sinal da Libras – item linguístico utilizado para nomeá-la. Portanto, a imagem apresenta iconicamente este sinal, a partir de uma representação gráfica, composta por duas mãos espalmadas e pela presença de duas aspas, que indicam movimento. Por meio do desenho de uma gola, o símbolo representa, também, o interlocutor que faz uso dessa língua. A cor azul foi escolhida para gerar identificação

com os símbolos universais de acessibilidade além de representar a cor dos movimentos sociais dos surdos. (UFMG, 2013).

Além desses elementos citados anteriormente que remetem à comunidade surda, outros foram selecionados para identificar o formato *podcast*, para isso foi utilizado o microfone de mesa e o fone de ouvido. Além desse intuito, esses elementos indicam que todos os públicos podem consumir esse conteúdo, levando em consideração a perspectiva da inclusão.

3.3 PÓS-PRODUÇÃO

Após a produção, é necessário realizar os ajustes, edições e o acabamento do *podcast*. Nessa etapa, após a pesquisadora assistir ao conteúdo na íntegra, foram realizadas as marcações de momentos que necessitavam de cortes, como, por exemplo, em erros ou interferências externas, como ruídos.

Feita a gravação, chegou a fase da edição, que nada mais é de quando é feita a seleção das partes que estarão aptas a seguir à etapa seguinte, a montagem. Mas escolher um bom áudio requer paciência e avaliação bem criteriosa, a começar pela interpretação do texto, tom e erros de linguagem. (SOARES, SILVA. 2012).

A edição foi feita de maneira simples para manter a entrevista de maneira fluída e que se aproximasse ao máximo do seu público, dando a eles a sensação de participação e companhia. Para Ferraretto (2000), essas sensações são características do veículo escolhido, o rádio. Os cortes foram realizados somente em momentos de erros. A escolha de manter o diálogo na íntegra pela pesquisadora deve-se ao intuito de preservar informações relevantes e auxiliar na proximidade com o público.

A entrevista difere da conversação em inúmeros aspectos, se bem que seja uma forma estruturada de conversação. Uma das funções da conversa é a análise da autoexpressão. Na entrevista, essa satisfação é atendida em escala menor do que na conversação. Outra função da conversa é terapêutica, isto é, libera tensões. Na entrevista comum (não aconselhamento), a necessidade de liberar tensões também é atendida em escala menor, pois não é o objetivo central da entrevista de investigação ou avaliação. A conversação tem ainda um fator ritual, troca de palavras e saudações fixas sem um sentido objetivo. Na entrevista, o ritualismo é reduzido à menor expressão para poupar tempo para os aspectos não-rituais, isto é, racionais, deliberados e conscientes que constituem também o objetivo

central da entrevista. (LODI, 1971, *apud* FERRARETTO, 2000).

Para realizar a edição do *podcast*, foi utilizado programa *Wondershare Filmora X*, por meio do que foram realizados os cortes necessários e a inserção de vinhetas, para reforço da identidade visual. A escolha de inserir a vinheta no início do *podcast* tem como objetivo a facilidade para o público identificar o produto, além de reforçar as ideias que são transmitidas pela logomarca, com os elementos e a psicologia das cores, como explicado anteriormente.

É um quebra-cabeça que aos poucos é montado e forma uma peça única com todas as peças se encaixando. Feito voz, vamos à trilha sonora, editá-la, pegar somente um pedaço ou estendê-la se for o caso, por último, ficaram os efeitos a serem já separados para ir a montagem [...].
[...] Na finalização somente fazem-se os ajustes finais, o acabamento, ajustes volumes entre canais e a renderização, ou seja, a formatação das pistas em um único arquivo ou faixa. (SOARES, SILVA. 2012).

Realizada a edição, que consumiu em torno de doze horas, divididas em três dias, chegou-se ao término da produção do programa, com uma hora e dezessete minutos de duração. O *podcast* conta com vinheta de abertura, de acordo com a identidade visual do produto, além de vinheta de encerramento e ficha técnica, elementos da linguagem radiofônica.

A escolha de hospedar o *podcast* na plataforma Youtube deve-se à sua facilidade de reprodução e compartilhamento, possibilitando, conseqüentemente, a visibilidade do produto. Outro fator importante considerado pela pesquisadora é o fato de a plataforma disponibilizar legendas, reforçando o conceito de inclusão e acessibilidade defendido durante a pesquisa. As legendas são geradas de forma automáticas e foram editadas pela pesquisadora.

O conteúdo, para apreciação da banca, foi disponibilizado na plataforma do Youtube e o link encontra-se no Apêndice D.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso tratou sobre a produção de um podcast para a comunidade surda. Os temas discutidos foram de relevância para o público-alvo. É importante ressaltar que o produto é acessível para todos os públicos, pois sua produção foi pautada na perspectiva de inclusão e acessibilidade.

A partir das pesquisas bibliográficas e o contato com a comunidade surda, ficou evidente o quanto esse público era marginalizado pelos meios de comunicação em massa, se tratando dessa pesquisa, o rádio. Essa marginalização afeta diretamente na formação do ser pensante, gerando dificuldade de acesso à informação de qualidade por essa comunidade.

Estima-se que a população surda irá aumentar consideravelmente até 2050, podendo atingir mais de 900 milhões de pessoas ao redor do mundo, dessa forma foi necessário refletir sobre os meios de comunicação. Tendo em vista, que por muito tempo o veículo rádio não foi capaz de atender essas pessoas, pois a sua mensagem era condicionada a capacidade auditiva do receptor.

A presente pesquisa teve como objetivo geral produzir um produto radiofônico interpretativo utilizando as novas tecnologias visuais e sonoras e a Língua Brasileira de Sinais, através de intérprete, tendo como público de interesse deficientes auditivos e surdos. Para que o objetivo geral pudesse ser alcançado alguns objetivos específicos foram traçados, entre eles investigar as questões clínicas e sociais que envolvem a deficiência auditiva e a surdez; conhecer as novas tecnologias radiofônicas que podem ser usadas para incluir a sociedade surda no rádio; elaborar um produto radiofônico para a comunidade surda utilizando a Língua Brasileira de Sinais; e, por fim, refletir sobre o conceito de rádio a partir da incorporação de uma linguagem não sonora.

Os objetivos foram alcançados de maneira integral. Através da produção de um podcast intitulado PodLibras, o produto foi elaborado após pesquisa bibliográfica buscando atender as necessidades desse público e utilizando da Língua Brasileira de Sinais.

Além da linguagem radiofônica e a Libras, foram utilizadas as novas tecnologias aderidas pelo rádio. Nesta pesquisa, em específico o caminho encontrado foi a utilização de vídeo e linguagens visuais integrada ao rádio, nos chamados *videocast*.

O uso adequado da linguagem radiofônica, amparado pela perspectiva de autores e artigos científicos abordados no capítulo 3 dessa pesquisa, e a utilização de vídeos integrando a Libras, possibilitou uma produção eficiente e o cumprimento dos objetivos.

A partir das pesquisas e do contato com a comunidade surda foi possível compreender a importância cultural para a diferenciação de deficientes auditivos e surdos. Sendo ela, a mais importante a participação ativa na comunidade surda.

O cumprimento dos objetivos levou à reflexão sobre o conceito de rádio a partir da incorporação de uma linguagem não sonora. Essa reflexão foi capaz de responder a problemática levantada no início da pesquisa, de que levando em consideração que o rádio é uma criação cultural atrelada à especificidade de um fluxo sonoro, um programa radiofônico com Libras poderia ser considerado um conteúdo radiofônico?

Historicamente, o rádio é uma criação cultural atrelada a uma especificidade sonora, mas a pesquisa possibilitou demonstrar que as novas tecnologias são capazes de ampliar a linguagem radiofônica para um campo visual, podendo alcançar um número muito maior de consumidores. Prova disso, tem sido a crescente divulgação de podcast em plataformas como o Youtube, através do seu derivado videocast. Os números de visualizações são a confirmação da capacidade de adaptação do rádio, qualidade essa que o faz continuar entre um dos maiores veículos de comunicação. Dessa maneira, foi possível comprovar as hipóteses levantadas de que, um programa radiofônico com Libras é um programa de rádio, pois trata-se de um meio multiplataforma e que a boa utilização dos avanços tecnológicos é capaz de incluir a sociedade surda no rádio, além de demonstrar que investimento em avanços tecnológicos para o uso de imagens, pode auxiliar na inclusão dos surdos.

Essa confirmação foi possível a partir da justificativa de que o rádio é multimidiático e pode incorporar áudio, vídeo, imagens e texto, tanto nas redes sociais e plataformas virtuais, sendo esse um exemplo de formato que reforça a ideia de uma nova linguagem, podendo definir até como um novo rádio. Amparado pela perspectiva de autores e artigos científicos abordados ao longo do capítulo 3.

Por tudo isso, ficou claro diante dessa pesquisa que o rádio tem potencial para auxiliar na inclusão dos surdos em mídias massivas. Esse potencial pode ser observado pelo aumento de rádios que migraram para plataformas digitais e tem utilizado de novas ferramentas para se aproximar do seu público, o que reforça a

importância desse trabalho.

Após a resposta da problemática apresentada no início da pesquisa, pode-se ressaltar as contribuições dela para o campo jornalístico reforçando a importância da inclusão e acessibilidade dos conteúdos, resgatando uma das primícias do jornalismo, informação de qualidade para todos. A pesquisa demonstra para os jornalistas que todo conteúdo antes de ser veiculado deve ser pensado e adaptado para poder chegar em todos os tipos de pessoas, sejam elas com limitações físicas, cognitivas ou de acesso.

Houve também contribuições para o veículo rádio, enfatizando sua pluralidade e capacidade de adaptação, demonstrando como essas características podem auxiliar na inclusão da comunidade da pessoa surda, apresentando ao veículo um novo público.

A comunidade surda também foi beneficiada com a produção do PodLibras, além da abordagem de assuntos relevantes houve grande contribuição com a oportunidade para que os surdos pudessem participar e expor seus pensamentos e ideias a respeito de temáticas sociais. Essa inclusão em um veículo de comunicação anteriormente considerado restrito revela uma nova perspectiva e apresenta para essas pessoas uma nova forma de se comunicar e se expressar.

Além de toda contribuição científica apresentada pela pesquisa, houve grande crescimento pessoal e profissional para a pesquisadora. Profissionalmente, como futura jornalista, o desenvolvimento desse trabalho contribuiu com a reflexão sobre a importância de pensar em uma comunicação inclusiva e acessível, que seja capaz de atender todos os públicos, que todo conteúdo antes de ser veiculado deve ser pensando para atender da melhor forma o todo. Outra perspectiva importante foi de aproximar a informação e os meios de comunicação das minorias da sociedade, pessoas muitas vezes deixadas a margens da comunicação por não terem produtos acessíveis. Pessoalmente, o trabalho despertou um olhar ainda mais cuidadoso com outros indivíduos e a percepção da importância da comunicação na formação do ser pensante.

O desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso possibilitou colocar em prática conhecimentos adquiridos durante a graduação, como a correta utilização linguagem radiofônica e o papel do jornalismo na sociedade. Ressaltando o poder da comunicação e da informação de qualidade, além da responsabilidade social.

A proposta do podcast PodLibras deve continuar como forma de exercer o jornalismo inclusivo e a paixão pelo rádio. A proposta é para que seja desenvolvido outros episódios sobre temáticas sociais, dando espaço para a comunidade surda no rádio.

REFERÊNCIAS

A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS NA EDUCAÇÃO. **Senac**. São Paulo: Senac, 2020. Disponível em: <https://www.mg.senac.br/Noticias/Paginas/a-importancia-da-lingua-de-sinais-na-educacao-.aspx>. Acesso em: 14 de agosto. 2021.

A HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL. **Abert**. Brasília: Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, 2021. Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil>. Acesso em: 30 de agosto. 2021.

BARBOSA FILHO, André. Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BRASIL. Decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamentação da surdez e deficiência auditiva. Planalto. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 06 de abril.2021.

BRASIL. LEI 10.436, de 24 de abril de 2002. Reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais. Planalto. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em:06 de abril.2021.

BRASIL. LEI 13.146, de 06 de julho de 2015. Inclusão da pessoa com deficiência. Planalto. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 25 de novembro.2021.

BRAZ, S; MEIRELES, N. **O rádio e a tecnologia: a evolução tecnológica do rádio no Brasil**. Revista temática, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/23843/13084>. Acesso em: 08 de setembro, 2021.

CAMPOS, L; RODRIGUES, B; SILVA, M. **A inclusão dos surdos na educação na sociedade**. XIV Seminário Internacional de Educação no Mercosul. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2012/Educacao%20e%20desenvolvimento%20humano/artigo/a%20inclusao%20dos%20surdos%20na%20educacao%20e%20na%20sociedade.pdf>. Acesso em: 10 de maio. 2021.

CANCIAN, Juliana. *et al.* **O rádio como instrumento facilitador no processo de inclusão social**. Biblioteca online de ciências de comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cancian-juliana-radio-como-instrumento-facilitador.pdf>. Acesso em: 20 de agosto. 2021.

CLEMENTE, Matheus. **Entenda o que é Psicologia das Cores e descubra o significado de cada cor**. Rockcontent, 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/psicologia-das-cores/>. Acesso em: 18 de outubro. 2020.

CRISTIANO, Almir. **O que é Libras**. Libras.com, 2017. Disponível em: <https://www.Libras.com.br/o-que-significa-Libras>. Acesso em: 08 de agosto. 2021.

DIREITOS HUMANOS. Artigo 19, de 1948. Disponível em: [Declaração Universal dos Direitos Humanos \(unicef.org\)](#). Acesso em: 08 de março. 2021.

EDUARDO, Leandro. **OBS Studio: tutorial de como fazer download, configurar e usar o software**. TechTudo, 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2020/03/obs-studio-tutorial-de-como-fazer-download-configurar-e-usar-o-software-esports.ghtml>. Acesso em: 18 de outubro. 2021.

ESTATÍSTICA DE GÊNERO. **IBGE**. 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-3,128&ind=4643>. Acesso em: 05 de abril.2021.

ESTEBAN, Luis Miguel Pedrero; ALAEJOS, María de la Peña Mónica Pérez. **A transição da rádio para o ambiente digital: as experiências e os desafios transmídia da indústria radiofônica espanhola**. Novos Olhares, v.6, n.2, p. 41-51, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/download/134668/137042> link. Acesso em: 17 de maio, 2021.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Radio: o veículo, a história e a técnica**. 1.ed. Porto alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

GARRETT, Filipe. **Como funciona o Google Meet? Veja perguntas e respostas sobre o app**. TechTudo, 2021. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2021/08/como-funciona-o-google-meet-veja-perguntas-e-respostas-sobre-o-app.ghtml>. Acesso em: 18 de outubro. 2021.

GIL, Carlos Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Roseli. **Setembro azul**. Mãos em movimento Libras e educação especial, 2016. Disponível em: <http://www.maosemmovimento.com.br/setembro-azul/>. Acesso em: 18 de outubro. 2021.

GRANDA, Alana. **País tem 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva**. Agência Brasil, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-10/brasil-tem-107-milhoes-de-deficientes-auditivos-diz-estudo>. Acesso em: 04 de agosto. 2021.

LOPEZ, Débora CRISTINA. **Audiência radiofônica: a construção de um conceito a partir da metamorfose do meio**. Biblioteca digital de periódicos, 2015. Disponível

em: [Audiência radiofônica: a construção de um conceito a partir da metamorfose do meio | Cristina Lopez | Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura. \(ufpr.br\)](#). Acesso em: 08 de abril. 2021.

LOPEZ, Débora Cristina. **Marcos tecnológicos do radiojornalismo no Brasil: uma revisão histórica**. In: KLÖCKNER, L; PRATA, N (Org). A história da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/2853/M%c3%addia%20sonora.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 de setembro. 2021.

LOUBAK, Ana Letícia. **O que é podcast? Saiba tudo sobre os programas de áudio online**. Techtudo, 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/12/o-que-e-podcast-saiba-tudo-sobre-os-programas-de-audio-online.ghml>. Acesso em: 13 de setembro. 2021.

MAFRA, E; VIANA, M; SOUZA, S. **Linguagem Radiofônica: o sistema de comunicação aplicado na divulgação científica no rádio**. Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-0706-1.pdf>. Acesso em: 25 de outubro. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MEDITSCH, Eduardo. **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital /Dino Mangoni, Juliano Maurício de Carvalho**. São Paulo: Senac, 2010.

Michaelis. Moderno **dicionário** da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/podcast/>. Acesso em: 13 de setembro. 2021.

MIGAÇÃO AM-FM. Abert.2021. Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/migracao-am.html>. Acesso em: 22 de setembro. 2021.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O rádio na era da convergência das mídias**. 1.ed. LIVRO. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2012. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

OMS ALERTA QUE PERDA DE AUDIÇÃO PODE AFETAR MAIS DE 900 MILHÕES ATÉ 2050. **ONU News**.2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1705931>. Acesso em: 05 de abril.2021.

PRATA, Nair. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.

PFEIFER, Paula. **Crônicas da surdez**. São Paulo, SP: Summus Editorial, 2013. Disponível em: <http://site.livrariacultura.com.br/imagem/capitulo/5168254.pdf>. Acesso em: 17 de maio.2021.

POPULAÇÃO BRASILEIRA É COMPOSTA POR MAIS DE 10 MILHÕES DE PESSOAS SURDAS. **G1**.2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/especial-publicitario/ubm/conhecimento-transforma/noticia/2020/02/12/populacao-brasileira-e-composta-por-mais-de-10-milhoes-de-pessoas-surdas.ghtml>. Acesso em: 05 de abril.2021.

COMUNIQUE-SE, Portal. **Podcast: da origem ao destaque no Prêmio Comunique-se**. 2021. Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/especial-jornalista-podcaster/>. Acesso em: 14 de setembro. 2021.

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/.../1/nair_prata_tese.pdf. Acesso em: 2 de setembro. 2021.

REDONDO, Maria Cristina da Fonseca. Deficiência auditiva-/ Maria Cristina da Fonseca Redondo, Josefina Martins Carvalho. – Brasília: **MEC**. Secretaria de Educação a Distância, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/deficienciaauditiva.pdf>. Acesso em: 05 de setembro. 2021.

RODRIGUES, Leandro. **O que é deficiência auditiva e surdez?** Instituto Itarj, 2017. Disponível em: <https://institutoitard.com.br/o-que-e-deficiencia-auditiva-e-surdez/>. Acesso em: 05 de agosto. 2021.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1988 – tradução Laura Teixeira Motta.

SCHMIDT, Renata. **Surdo e Deficiente Auditivo é a mesma coisa? Entenda a diferença!** Guia de rodas, 2020. Disponível em: <https://guiaderodas.com/surdo-e-deficiente-auditivo-e-a-mesma-coisa-entenda-a-diferenca/>. Acesso em: 12 de agosto. 2021.

SILVA, Alaine. **Comunicação**. Inf escola, [entre 2010 e 2020]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/comunicacao/comunicacao/>. Acesso em: 01 de agosto. 2021.

SILVA, Denize Martins. **História do rádio no Brasil**. Inf escola, [entre 2010 e 2020]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/historia-do-radio-no-brasil/>. Acesso em: 27 de agosto. 2021.

SÍMBOLO ACESSÍVEL EM LIBRAS. **UFMG**. 2013. Disponível em: <https://www.ufmg.br/marca/Libras/>. Acesso em: 18 de outubro. 2021.

SOARES, Héber Augusto de Vasconcellos Dias; SILVA, Liliana Rodrigues. **Fundamentos de produção radiofônica**. Intercom, 2012. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0206-1.pdf>. Acesso em: 16 de outubro. 2021.

TEIXEIRA, F; SILVA, R; BONA, R. **O processo de desenvolvimento de uma identidade visual**. Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/r0187-1.pdf>. Acesso em: 18 de outubro. 2021.

TORRES, Denise Rosa. **Considerações sobre a comunidade surda: aprendendo a despertar**. Conteúdos jurídicos, 2018. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/consulta/Artigos/52352/consideracoes-sobre-a-comunidade-surda-aprendendo-a-despertar>. Acesso em: 24 de maio.2021.

UNIVERSIDADE DO CEARÁ. Conceito de acessibilidade, 2021. Disponível em: <https://www.ufc.br/acessibilidade/conceito-de-acessibilidade>. Acesso em: 25 de novembro. 2021.

VILELA, Luiza. **Brasil é o 5º no ranking mundial de crescimento na produção de podcasts**. Consumidor Moderno, 2021. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2021/07/23/podcasts-modelo-pandemia-brasil/>. Acesso em: 14 de setembro. 2021.

APÊNDICE A - PAUTA

TEMA

A inclusão da comunidade surda na mídia radiofônica.

JUSTIICATIVA

A palavra comunicação se deriva do Latim, e tem o sentido de tornar comum, sendo através do ato de comunicar que os seres humanos podem transmitir suas ideias e sentimentos, auxiliando na formação do ser pensante.

A motivação para desenvolver a pauta veio a partir da percepção da necessidade de inclusão da comunidade surda no meio radiofônico. Já que, o direito à informação é garantido por lei em todo território brasileiro. A comunidade surda representa cerca de 10 milhões de pessoas no país e ainda encontram dificuldades para se comunicar e se informar através das mídias mais tradicionais, já que não é comum encontrar um programa específico para esse público, que atenda suas necessidades de maneira eficaz.

Acredita-se que a dificuldade da comunidade surda encontrada nos meios de comunicação se deve à falta de utilização e adaptação da Língua Brasileira de Sinais, reconhecida no Brasil em 2002.

OBJETIVOS

Através da conversa desenvolvida em suas etapas sendo elas, pré-entrevista (que tem como objetivo conhecer mais a fundo os entrevistados e intérpretes e explicar a dinâmica do podcast) auxiliando na construção do produto que possa atender de maneira eficaz essa comunidade. Já na segunda parte, acontecerá a entrevista e gravação do podcast, compartilhando ideias e possibilitando conhecer de perto a necessidade da comunidade surda em relação a informação e os meios de comunicação. Compreender como as novas tecnologias podem auxiliar para a inclusão aconteça de maneira eficaz no meio radiofônico.

Sendo possível então, produzir um podcast informativo de qualidade voltado para a comunidade surda.

FONTES DE ENTREVISTA

ENTREVISTADO 1 Daniella Martins, autora e blogueira surda, teve seu primeiro trabalho publicado em 2018, o livro Anjos da Morte, pelo Amazon. Autora do blog Mundo de Danniki. Nasceu surda com perda de severa a profunda e é nativa na Língua Brasileira de Sinais (Libras), apesar de ser oralizada. Graduada em Gestão de Recursos Humanos em 2014.

CONTATOS: - @autora. daniellamartins

autora.daniellamartins@gmail.com

QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS: A relação do surdo com a Língua Portuguesa e com a literatura (sendo ela autora de um livro) / Experiências pessoais (Minha vida em séries)

ABORDAGEM COM O ENTREVISTADO Entender através da perspectiva de uma pessoa surda e o seu relacionamento com o mundo. Conhecendo suas experiências de vida.

ENTREVISTADO 2 Fernanda Oliveira, é surda sinalizada (tem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua materna). É coautora do livro O destino de Karin, em parceria com a autora Daniella Martins.

CONTATOS: - (11) 987255315

QUESTÕES A SEREM LEVANTADAS: A necessidade de o surdo aprender Libras / A relação do surdo com a Língua Portuguesa. / Ignorância e ódio contra surdos nas redes sociais/ Tema do Enem 2017, desafios para a formação educacional de surdos no Brasil.

ABORDAGEM COM O ENTREVISTADO Entender através da perspectiva de uma pessoa surda e o seu relacionamento com o mundo. Conhecendo suas experiências de vida.

REFERÊNCIAS DE PAUTA

REDONDO, Maria Cristina da Fonseca. Deficiência auditiva-/ Maria Cristina da Fonseca Redondo, Josefina Martins Carvalho. – Brasília: **MEC**. Secretaria de Educação a Distância, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/deficienciaauditiva.pdf>. Acesso em: 05 de setembro. 2021.

DIREITOS HUMANOS. Artigo 19, de 1948. Disponível em: [Declaración Universal dos Direitos Humanos \(unicef.org\)](http://www.unicef.org/declaracao). Acesso em: 08 de março. 2021.

POPULAÇÃO BRASILEIRA É COMPOSTA POR MAIS DE 10 MILHÕES DE PESSOAS SURDAS. **G1**.2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/especial-publicitario/ubm/conhecimento-transforma/noticia/2020/02/12/populacao-brasileira-e-composta-por-mais-de-10-milhoes-de-pessoas-surdas.ghtml>. Acesso em: 05 de abril.2021.

APÊNDICE B – ESPELHO

PROGRAMA: POD LIBRAS
TEMA: LITERATURA E LEITURA
DATA: 18/09/2021
ENTREVISTADA: DANIELLA MARTINS E FERNANDA OLIVEIRA
ENTREVISTADOR: CAROL MOREIRA

PRIMEIRO BLOCO (10 MIN)
<p>- ABERTURA</p> <p>- (Oi pessoal! / eu sou Carol Moreira e está começando o PodLibras / um podcast voltado para a comunidade surda/ Mas, vale ressaltar que se você não é surdo, também pode acompanhar nosso programa/ Aqui serão debatidos assuntos sobre a sociedade através de uma perspectiva diferente//</p> <p>- Nesse programa vamos conversar sobre literatura e leitura//</p> <p>- CONTEXTO TEMA</p> <p>- Literatura e leitura pode parecer algo novo quando debatido através da perspectiva da surdez, porém para nossas convidadas esses assuntos passeiam entre trabalho e lazer.</p> <p>- BREVE CURRÍCULO</p> <p>Daniella Martins, escritora e blogueira surda, teve seu primeiro trabalho publicado em 2018, o livro Anjos da Morte, pelo Amazon. Autora do blog Mundo de Danniki. Nasceu surda com perda de severa a profunda e é nativa na Língua Brasileira de Sinais (Libras), apesar de ser oralizada. Graduada em Gestão de Recursos Humanos em 2014. //</p> <p>Fernanda Oliveira, também é escritora surda sinalizada (tem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua materna). É coautora do livro O destino de Karin, em parceria com a autora Daniella Martins. Além de escritora é apaixonada por leitura e marketing digital. //</p> <p>- Como foi seu primeiro contato com a literatura / leitura?</p> <p>- A importância da leitura para o surdo?</p> <p>- Como é sua relação com a Língua Portuguesa?</p>

- Depois do primeiro contato com a literatura e leitura, como era na infância (na escola) esse contato com a Língua Portuguesa e com a Libras?
- A importância da Educação Especial (Libras nas escolas) para a formação do indivíduo surdo.

SEGUNDO BLOCO (10 MIN)

- TEMA LITERATURA E LEITURA
- Como você aprendeu a Libras?
- Durante a vida escolar vocês encontraram alguma dificuldade de adaptação social?
- Alguma dificuldade com a Língua Portuguesa?
- Qual a principal mudança que deveria acontecer nas escolas para uma melhor qualidade de ensino e desenvolvimento afetivo e cognitivo para os surdos?
- Em relação aos meios de comunicação, qual a principal dificuldade encontrada por surdos? Do que vocês sentem mais falta?
- Como poderia resolver esse problema.

TERCEIRO BLOCO (10 MIN)

- TEMA LITERATURA E LEITURA
- **Como e quando vocês começaram a escrever?**
- Blog / Instagram**
- Para quem vocês escrevem? Algum público específico?**
- **Por que vocês escrevem? O que te levou a escrever?**
- Como foi a experiência de vocês trabalharem juntas numa produção?**
- Dica de leitura**

ENCERRAMENTO

- Esse foi o POD LIBRAS, um podcast voltado para a comunidade. Obrigada por ter ficado com a gente até agora.

Obrigada Dani e Fernanda por compartilhar com a gente essas experiências e pontos de vistas tão enriquecedores, acredito que é dessa forma, compartilhando que podemos construir uma sociedade melhor.

Meus agradecimentos também aos intérpretes que nos ajudaram hoje para que essa conversa se tornasse acessível para todos os públicos, Fernanda Rodrigues e Ariel, muito obrigada!

Gostaria também de agradecer ao apoio técnico _____ e ao Daniel Costa e Natasha Costa por cederem o estúdio para a gravação.

FICHA TÉCNICA

- Esse Podcast foi desenvolvido como parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Ana Caroline Moreira de Oliveira, do curso de Jornalismo do Centro Universitário Unisagrado.

Orientação professora Daniela Bochembuzo, trabalhos técnicos Guilherme Mariano e José_____. A gravação aconteceu de forma remota respeitando as medidas de segurança.

Estúdio de gravação utilizado Igreja Mensagem do amor de Deus. Lençóis Paulista 18 de setembro.

PERGUNTAS EXTRAS:

- Qual foi o livro mais difícil que vocês já leram?
- A melhor experiência que já tiveram com a literatura? Um livro que surpreendeu...
- O mês de setembro é o mês da visibilidade da Comunidade Surda Brasileira, qual a importância desse mês para a comunidade surda?

23/09: Dia Internacional das Línguas de Sinais

26/09: Dia Nacional do surdo

30/09: Dia do tradutor e intérpretes.

APÊNDICE C – LOGOTIPO



APÊNDICE D – MÍDIA

PODLIBRAS – <https://www.youtube.com/watch?v=Z5-GakWnnjQ>